

4 HISTÓRICO, PERCURSO METODOLÓGICO E ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

4.1 Introdução

A partir do presente capítulo, busco me aproximar da realidade de duas diferentes universidades com perspectivas individualizadas, no intuito de buscar subsídios e traçar o percurso metodológico que possam balizar e suportar a análise da pesquisa

4.2 Histórico do Curso de Design da PUC- Rio e da Univille

O Curso de graduação em Design da PUC-Rio tem origem no Departamento de Letras em 1973. A Univille criou o curso de Design em 1996, originário do Departamento de Artes. As duas instituições oferecem o bacharelado em Design com duração de quatro anos. A PUC-Rio oferece quatro habilitações: Projeto de Produto, Comunicação Visual, Moda e Mídia digital. A Univille, por sua vez, oferece as habilitações: Projeto de Produto, Programação Visual, Design de Moda e Design de Animação. Para efeito da presente pesquisa delimitarei as habilitações de Projeto de Produto e Comunicação Visual da PUC-Rio e Projeto de Produto e Programação visual da Univille. Iniciarei revisitando os Projetos Pedagógicos de cada Curso de Design nas respectivas instituições, observando os objetivos e perfis profissiográficos, as matrizes curriculares e, por fim, as ementas das disciplinas de fotografia, ação desenvolvida no intuito de contextualizar a pesquisa.

4.2.1 Projetos pedagógicos: conceituação

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 (LDB) estabelece no seu artigo 12 que os estabelecimentos de ensino-IES deverão

elaborar e executar uma proposta pedagógica. Espera-se que este Projeto Pedagógico seja construído de forma coletiva, em um processo participativo e que envolva toda a comunidade acadêmica em um projeto.

Para Abbagnano (1998), projeto é a antecipação de possibilidades: qualquer previsão é uma predição. Heidegger (1889 e 1979) "...insistiu na tese em que todo projetar-se, por antecipar possibilidade de fato, incide sempre no fato e não vai além: de tal modo que a máxima do homem que se projeta é 'sê o que és'."(Abbagnano, 1998, p.800). Baseado nesta definição, acredito que o Projeto Pedagógico seja, portanto, uma antecipação de possibilidades originadas no contexto em que estão envolvidos os agentes mediadores do ensino (diretores, coordenadores e professores), o espaço do ensino e os agentes receptores do ensino (estudantes).

Neste sentido, o projeto é um processo para traçar diretrizes, criar marcos de crença e adesão coletiva com um rumo preestabelecido, possível de ser, ao mesmo instante, reavaliado sempre, pois é um documento vivo, mutante, em constante construção como a própria comunidade e com os parâmetros educacionais. A princípio, o Projeto Pedagógico traz consistência no caminhar pelo processo educacional e ao mesmo tempo a identidade afirmativa da proposta educacional.

As finalidades do ensino superior que estão descritas na LDB no seu art. 43º são, dentre outros: estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo; formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, incentivando o trabalho de pesquisa e a investigação científica; promover a divulgação de conhecimentos culturais; estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente e promover a extensão. Em resumo, é por meio do Projeto Político Pedagógico que se reconhece a identidade de uma instituição e suas estratégias para atingir um ensino de qualidade, dentro dessas finalidades específicas.

4.2.2 Perfil do egresso

Os Projetos Pedagógicos do ensino superior objetivam também atender às Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Design, que estabelece o perfil profissiográfico para o egresso em Design, para tanto o Ministério da Educação,

por meio do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade), parte integrante do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes) na portaria nº 128 de 24 de junho de 2009 no art. 5º, toma como referência o perfil profissiográfico que contemple as seguintes características para os cursos de Design no país: 1) ser

, econômicos, sociais, ambientais e culturais. Com base no perfil profissional e nos conteúdos programáticos, o ENADE avalia o desempenho do estudante egresso por meio de habilidades e competências para permanente atualização, bem como os conhecimentos sobre a realidade brasileira, mundial e sobre outras áreas do conhecimento. O Art. 6º, da Portaria do INEP Nº128, estabeleceu como competências e habilidades a capacidade desejada aos egressos dos cursos de Design: “Lidar com as especificidades das partes sem perder a visão do todo em sua complexidade (visão holística); conectar fundamentos conhecidos para produzir conhecimento ou procedimento novo (criatividade); implementar novos conhecimentos ou procedimentos (inovação); desenvolver senso estético; desenvolver percepção visual, espacial e de proporcionalidade; desenvolver raciocínio lógico e o raciocínio geométrico; aprimorar expressão verbal; aprimorar expressão visual; ampliar a capacidade de análise e síntese; prática do projeto; desenvolver iniciativa empreendedora; escolher e usar recursos informacionais/computacionais; aplicar conhecimentos culturais, científicos, tecnológicos e instrumentais a dominar a linguagem técnica do Design; atuar em atividades interdisciplinares; trabalhar em equipe; compreender as dinâmicas políticas e do mercado produtivo como fenômenos sociais; contextualizar o design com visão sistêmica em aspectos ambientais, culturais, econômicos, históricos, sociais e tecnológicos; identificar demandas da sociedade e propor soluções de Design; identificar, formular e resolver problemas de Design; desenvolver visão setorial; analisar sistemas, produtos e processos; especificar materiais e processos de produção em projetos de Design; estabelecer conceitos e desenvolver projetos utilizando método de Design; supervisionar e coordenar projetos e serviços de Design; avaliar criticamente alternativas de solução para problemas; adquirir conhecimentos na área de administração da produção; avaliar a viabilidade técnica e econômica de projetos de Design; considerar os fatores humanos no equacionamento e soluções de problemas; contribuir na construção de valores para a atuação profissional ética e responsável”.

A seguir apresento os perfis profissiográficos da PUC-Rio e Univille, bem como os respectivos objetivos de cada curso.

4.2.2.1

Perfil do egresso do Curso de Design da PUC- Rio

Para PUC-Rio, o curso procura “...oferecer sólida formação que não se define pela quantidade de conhecimentos e pelo domínio de informações, mas pelo desenvolvimento da capacidade de pensar, interpretar e compreender a natureza e a sociedade. Mais do que instrumento e instância de preparação de mão de obra para o mercado de trabalho, o curso de Design da PUC-Rio

orienta-se no sentido de ser um espaço privilegiado de conservação e produção do saber.” O perfil proposto pela PUC-Rio para os egressos é:

O curso tem por finalidade formar bacharéis em design preparados para empreender o exercício da reflexão, do debate e da crítica, cultivando uma visão abrangente da área do design. Alguns conceitos-chave permeiam todos os âmbitos do curso e são responsáveis por atribuir aos egressos uma formação geral humanística e crítica, comum a todas as habilitações. Nesse sentido, para PUC-Rio, os conceitos a seguir atuam como elementos descritivos do perfil do egresso.

CENTRALIDADE HUMANA: Entende-se como centro das ações e objetivos. Aspecto antropológico. É a partir dele que as questões, soluções, projetos de design são possíveis.

SER MEDIADOR: Mediar objeto/ser humano. A construção de sentido se dá a partir das mediações. O designer faz a mediação entre o objeto e o ser humano.

SER SOCIAL: Pensar no social. Aspecto sociológico – a visão do ser social. O indivíduo relaciona-se com outros, com objetos, com o ambiente, sempre em uma relação social. O projeto de design precisa pensar no social, ainda que seja pensado para um indivíduo (próteses, por exemplo).

SER DIALÓGICO: Conviver com diversos pontos de vista. Conceito de dialogismo, diferente de dialética. A proposta de um ambiente dialógico, com várias vozes caminhando juntas, em função de necessidades específicas.

SER PROATIVO: Saber diferenciar reatividade e pró-atividade. Necessidade de mudança do comportamento passivo para um comportamento pró-ativo por parte do aluno.

SER CRIATIVO: Entender a criatividade não como o partir de uma forma diferente para algo conhecido, mas sim como um questionamento, como uma mudança de conceito.

SER METODOLÓGICO: Ter comportamento científico, valorizando a análise, o rigor, critérios, etc. Ter o entendimento da metodologia não como uma coisa única. O aluno deve ter a noção do ser metodológico e não de uma metodologia. A noção da indução e dedução nos processos de pensamento e conhecimento.

(Projeto Pedagógico do Curso. Departamento de Artes & Design PUC-Rio – 2007)

4.2.2.2

Perfil do egresso no Curso de Design da Univille

Para UNIVILLE, o foco é:

“...formar o profissional com habilidade em criar, planejar e gerenciar produtos e sistemas de comunicação visual, considerando os diversos campos do saber e tendo como enfoque as necessidades humanas e ambientais...” ao mesmo tempo objetivando “...fomentar o conhecimento de Design, por meio de abordagens teóricas e práticas, investindo no ensino, pesquisa e extensão, afim de capacitar cidadãos com mentalidade crítica e criativa, instrumentalizada pelo Design.”

O acadêmico formado pela UNIVILLE deverá ter o seguinte perfil: trânsito interdisciplinar e capacidade para trabalhar em equipe. Conhecimentos de gestão aplicados ao Design, à produção e ao ambiente. Domínio do processo conceitual de Design e de técnicas de desenvolvimento, criatividade e meios de representação em diferentes mídias. Conhecimento de metodologia projetual.

Capacidade de entender fenômenos e problemas sociais, econômicos, culturais, políticos e mercadológicos, bem como visão das necessidades humanas para o desenvolvimento de projetos comprometidos com a melhoria da qualidade de vida e da cidadania. Capacidade de produzir, processar, organizar e disseminar signos, informações e tecnologia.

O designer formado pela UNIVILLE configura-se como um profissional contemporâneo e flexível, direcionado para as atuais necessidades da sociedade e do mercado regional, nacional e internacional. O profissional deverá estar apto a desenvolver e gerenciar sistemas visuais, projetos de produto e sistemas de objetos como, eletrodomésticos, projetos de sinalização, editoração, identidade visual, mídia eletrônica entre outros.

(Projeto Pedagógico do Curso. Departamento de Design da Univille – 2007)

4.2.3

Considerações sobre os perfis profissiográficos

Como observamos anteriormente, o projeto pedagógico do curso no qual o perfil profissional e os objetivos estão inseridos é o DNA institucional. É o advir, fruto de um projeto participativo que atende às características próprias de cada instituição e sua comunidade. Observo as primeiras diferenças apesar da coerência dos perfis com os objetivos, quais sejam: a PUC-Rio tem uma visão mais humanista e mais independente da formação profissional para o mercado. A UNIVILLE se coloca em uma posição mais ligada à formação profissional, embora incentive, de forma clara, a pesquisa e a extensão.

4.3

Matrizes curriculares e ementas

A seguir, apresento o período em que se encontram as disciplinas de fotografia, suas ementas e as disciplinas que se desenvolvem paralelamente. A PUC-Rio com as habilitações em Comunicação Visual e Projeto de Produto; A UNIVILLE com as habilitações em Programação Visual e Projeto de Produto.

Panorama das habilitações em Comunicação Visual e Projeto de Produto no curso de Design da PUC-Rio		
1º período	Ementa da disciplina A Imagem Fotográfica	Disciplinas paralelas
	Noções teóricas de fotografia. Composição fotográfica como meio de expressão e representação de idéias. Os processos tradicionais e digitais. Câmeras, lentes, filmes, químicas. Os computadores de alta resolução gráfica e a cinematografia.	Desenho de observação Projeto Básico- Contexto/Conceito História do Design I Fundamentos da Mídia Digital Optat. De Letras para CDI Psicologia e percepção

Quadro 1 - Panorama da disciplina de fotografia nas habilitações em Comunicação Visual e Projeto de Produto da PUC- Rio.

Panorama das habilitações em Programação Visual no curso de Design da Univille		
3º ano	Ementa da disciplina A Imagem Fotográfica	Disciplinas paralelas PV
	História da fotografia. A linguagem fotográfica. Projeto fotográfico. Equipamentos fotográficos analógicos e digitais. Fotografia aplicada às mídias. Técnicas fotográficas. Iluminação. Filtros e fotometria. Fotografia de estúdio (pessoas e objetos). Still life. Macro fotografia. Apresentação fotográfica. Fotografia de modelos/ fotografia de produto.	Projeto de Prog. Visual 2 Design da Informação Estética Computação Gráfica 2 Vídeo Oficina Gráfica 1 Web Design

Quadro 2 – Panorama da disciplina de fotografia na habilitação em Comunicação Visual da Univille.

Panorama das habilitações em Projeto de Produto no curso de Design da Univille		
3º ano	Ementa da disciplina A Imagem Fotográfica	Disciplinas paralelas PP
	História da fotografia. A linguagem da fotografia. Equipamentos fotográficos analógico e digital. Técnicas fotográficas. Iluminação e fotometria. Fotografia de modelos e still life. Macro fotografia.	Projeto de Produto 2 Design da Informação Estética Computação Gráfica 2 Modelos 1 Materias e Processos de fabricação

Quadro 3 - Panorama da disciplina de fotografia na habilitação em Projeto de Produto da Univille.

4.3.1

Considerações sobre as disciplinas de fotografia

Os objetivos da disciplina dedicada à fotografia são coerentes e relevantes na perspectiva da formação do aluno, para o perfil profissiográfico que pretende atingir o curso tanto na PUC-Rio como na Univille.

Na PUC-Rio, a disciplina designa-se A Imagem Fotográfica e apresenta uma única ementa para as habilitações em Comunicação Visual e Projeto de Produto, com uma carga horária de 30 h/a, desenvolvendo-se de forma essencialmente teórica. O Projeto Pedagógico do curso prevê também o desenvolvimento de competências e habilidades através da fotografia ao longo dos oito projetos em que os alunos das duas habilitações estão engajados. As competências e habilidades desenvolvidas a partir dos conteúdos vinculados à fotografia são exploradas nas disciplinas de projeto de forma a embasar o aluno para um desenvolvimento satisfatório de seu projeto. Com isso, além das 30h específicas vinculadas à disciplina, há uma carga horária variável de conteúdos de fotografia nas oito disciplinas de projeto.

A disciplina A Imagem Fotográfica apresenta a seguinte bibliografia básica:

ZUANATTI, R; Real, E; Martins, N. SENAC. DN. **Fotógrafo: o olhar, a técnica e o trabalho**. Ed. Senac Nacional. Rio de Janeiro, 2002

GURAN, M. **Linguagem fotográfica e informação**. 3.ed.rev.ampl. Ed Gama filho. Rio de Janeiro, 2002

Bibliografia Complementar:

COSTA,H. e Silva, R.R. **A fotografia moderna no Brasil**. São Paulo: Casac Naify, 2008

Na Univille, tanto na habilitação em Programação Visual como na habilitação de Projeto de Produto, a disciplina Fotografia apresenta uma carga horária de 144 h/a, caracterizada como teórico/ prática e composta de ementas diferentes para as habilitações de Programação Visual e Projeto de Produto.

A disciplina Fotografia apresenta a seguinte bibliografia básica:

DUBOIS, Philippe. **Ato fotográfico**. Campinas: Papirus : 1990.

HEDGECOE, John. **A câmera fotográfica em ação**. São Paulo, Siciliano. 1988.

GURAN, Milton. **Linguagem fotográfica e informação**. Rio de Janeiro: Gama Filho,1999.

TIME- LIFE, **Manual Completo de Arte e Técnica**, São Paulo, Abril Cultural, 1981. Bibliografia complementares:

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

SANTAELLA, Lucia e Winfried Noth. **Imagem- cognição, semiótica, mídia**. 2 ed. São Paulo: Iluminuras, 1993.

ADMS, A. **the negativiv** N.Y. Grafic Socty 1978.

JOLY, Martine. **A Introdução à Análise da Imagem**. Campinas: Papirus, 1996.

BUSSELLE, Michael. **Master Photography**. London : Mitchell Beazley, 1977.

SONTAG, Susan. **Ensaio sobre fotografia**. Rio de Janeiro: Arbor, 1981.

LISE, Fotografia. **Manual Completo de Arte e Técnica**. Barcelona: Abril Cultural, 1976.

4.4 Percurso metodológico

Construímos o mundo com o outro por meio da linguagem. É por meio dela que manipulamos e clarificamos conceitos, pois a função da linguagem vai além da comunicação, permite descrever tanto o meio em que estamos inseridos quanto a si mesmo. É por meio dela que nos realizamos e produzimos um mundo. Maturana e Varela (1995).

Nesta pesquisa, tenho como objeto de estudo a linguagem fotográfica como instrumento de ensino em um ambiente de convergência, entendendo convergência como o fluxo de conteúdos em diversas plataformas midiáticas, que vêm provocando mudanças tecnológicas, industriais, culturais e sociais. O objetivo é refletir sobre estas mudanças nos cursos de Design. Considero como principal hipótese que as mudanças tecnológicas e o ambiente de convergência estão interferindo nas relações de ensino-aprendizagem nos cursos de Design.

Para atender ao objetivo, realizei uma pesquisa de campo de cunho qualitativo e de caráter exploratório. Selecionei, como população amostra, os professores das disciplinas voltadas à fotografia nas habilitações de design gráfico e produto. As habilitações foram escolhidas por serem aquelas com as quais tenho maior experiência docente. Como já citado no capítulo I, o campo delimitado foram as instituições de ensino Univille e PUC-Rio. Esta pesquisa se situa na área do design, tendo como abrangência: educação, ensino e tecnologia.

4.4.1 Amostragem

Responderam aos questionários quatro professores, sendo dois da PUC-Rio e dois da Univille. A pesquisa foi desenvolvida entre os meses de junho e julho do ano de 2009 nos respectivos campi.

A amostra, embora pequena, acredito que seja significativa pelas características das instituições de ensino envolvidas e suas peculiaridades já relatadas. O fato de a Univille ter apenas dois professores que se ocupam das disciplinas de fotografia me condicionou, por proporcionalidade, a escolher dois professores da PUC-Rio. Outra característica significativa da amostra é a experiência profissional na docência da disciplina de fotografia. Os dois professores da PUC-Rio têm mais de vinte anos de experiência profissional e mais de quarenta anos de idade. Os professores da Univille têm no máximo quatro anos de experiência profissional e menos de trinta anos de idade.

4.4.2 Instrumento de coleta de dados

Como instrumento de coleta de dados, escolhi a técnica de entrevista padronizada, por acreditar que esta seria uma das formas mais apropriadas de obtenção de informações, opiniões, sentimentos e conduta sobre os assuntos da pesquisa, além de manter um contato direto com o entrevistado. Para Bardin (2010, p.89), o discurso falado permite ao entrevistado “...orquestrar mais ou menos a sua vontade. Encenação livre daquilo que esta pessoa viveu, sentiu e pensou a propósito de alguma coisa.”

Elaborei vinte (20) perguntas realizadas com todos os participantes do grupo amostra. Evidenciei, no início, para todos, que nesta pesquisa entendo a fotografia como todas as imagens que trazem consigo características próprias da aparência fotográfica, mesmo que tenha sido produzida de forma digital. Finalizando, solicitei aos professores que falassem de sua experiência profissional.

As perguntas foram elaboradas de forma semi-aberta, ou seja, permitindo ao entrevistado respondê-las livremente sobre um assunto pré-determinado, e

usando linguagem própria, porém direcionado a um tema pré-estabelecido. Ao realizar as perguntas, procurei me manter dentro do âmbito da pesquisa, mas, pela liberdade nas respostas, nem sempre isso foi possível. Busquei conhecer o que os professores pensam e acreditam sobre as hipóteses formuladas anteriormente e transformadas em perguntas. Procurei entender como o processo de formação do designer tem sido construído a partir da linguagem fotográfica, diante do surgimento de novas plataformas midiáticas e suas convergências e, ao mesmo tempo, se estas mudanças poderiam interferir na relação da disciplina de fotografia com o curso de design.

Para o levantamento de dados junto aos professores, usei o contato direto e a técnica de gravação de voz, pois acredito que esta técnica é mais eficiente pela expressão corporal. Não obstante, exclui a possibilidade de gravação de vídeo, por considerar que esta técnica inibe a gestualidade. O gravador, embora presente de forma evidente, é facilmente esquecido.

Os professores serão identificados pelas letras A e B para PUC-Rio e D e E para Univille. Os nomes foram omitidos nesta pesquisa para preservar a identidade dos professores que eventualmente apresentem ideias contrárias ou contraditórias em relação às instituições.

As perguntas realizadas formam:

1. Há quanto tempo você leciona disciplinas na área de fotografia? Especificamente quais disciplinas?
2. Quais as suas impressões sobre a bibliografia indicada no programa da disciplina por você lecionada?
3. Qual o conteúdo programático de sua disciplina?
4. O que você pensa sobre esses conteúdos?
5. Os conteúdos da disciplina, na sua análise, são mais abordados do ponto de vista da prática fotográfica ou da teoria da linguagem fotográfica?
6. A passagem da tecnologia analógica à digital, nos exercícios práticos de fotografia, representou uma evolução ou um retrocesso?
7. No seu ponto de vista, a tecnologia digital está substituindo a tecnologia analógica na prática do ensino da disciplina de fotografia?

8. Em caso afirmativo, quais são os ganhos e perdas?

9. Os meios de comunicação atuais (internet, televisão, revistas, etc) e a convergência tecnológica tem facilitado ou dificultado o ensino da fotografia?

10. Você usa a internet em sala de aula para o desenvolvimento dos trabalhos?

11. Você percebe algumas mudanças no aprendizado face ao surgimento de novas mídias que usam a câmara fotográfica incorporada (ex: celular, notebook)?

12. No seu ponto de vista, houve alguma mudança na relação entre as disciplinas de fotografia e o curso de design provocada pela tecnologia digital?

13. Quais mudanças você percebe por parte dos alunos, na forma de ver e realizar a fotografia, depois da popularização dos softwares de tratamento e de edição de imagens?

14. O uso da câmara fotográfica do celular se configura como um conteúdo programático tanto na perspectiva teórica quanto prática?

15. Em sua opinião, o ensino da linguagem fotográfica amplia a visão de mundo dos alunos e os tornam mais críticos?

16. O ensino da linguagem fotográfica prepara o estudante para a vivência de novas formas de comunicação?

17. Você acredita que houve ganhos pedagógicos na mudança de currículo no desenvolvimento das ementas das disciplinas de fotografia?

18. No seu ponto de vista, no que a disciplina de fotografia contribui para a formação do designer? De que maneira?

19. Como é realizada a avaliação dos alunos na disciplina de fotografia?

20. Qual sua formação acadêmica e profissional?

As entrevistas foram transcritas de forma integral, sem correções e respeitando a linguagem usada pelos entrevistados e entrevistador. As entrevistas com os professores da PUC-Rio foram realizadas no Rio de Janeiro nas dependências do Departamento de Design desta universidade. Os

professores da UNIVILLE foram entrevistados em Joinville - Santa Catarina, nas dependências do Departamento de Design da UNIVILLE.

4.4.3 Tratamento dos dados

Optei por um conjunto de técnicas conhecidas como Análise de Conteúdo, por acreditar que esta nos dá a segurança de realizar uma análise qualitativa metodologicamente orientada, permitindo um exame crítico e sistemático, além de nos possibilitar inferências reflexíveis sobre os fatos e princípios produzidos durante a pesquisa. Para Bardin (2010 p.44), podemos resumir esta técnica como “Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativas ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/ recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.”

4.4.4 Procedimento de categorização

A categorização, segundo Bardin (2010 p.147), pode empregar dois processos inversos: “é fornecido o sistema de categorias e repartem-se da melhor maneira possível os elementos à medida que vão sendo encontrados.” No outro sistema, as categorias não são fornecidas “...antes resulta da classificação analógica e progressiva dos elementos. Este é o procedimento por ‘acervo’. O título conceitual de cada categoria somente é definido no final da operação.”

Fiz a opção da classificação analógica e progressiva dos temas definidos em forma de entrevistas e conduzida aos professores. Com base nesta perspectiva, realizei a análise temática suportada pela pesquisa bibliográfica desenvolvida na etapa anterior. Seguindo as técnicas de análise do conteúdo, após inúmeras leituras flutuantes das entrevistas, individualizei as unidades de registro que para Bardin (2010) são a base de significação isoláveis que visam à categorização e a frequência de eventos de interesse para a análise. As

unidades de registro utilizadas foram frases e outras vezes parágrafos, relevantes à pesquisa, usadas pelos professores acerca do assunto inquirido e encontrado nas respostas da pesquisa. As unidades de contexto foram a priori as perguntas da entrevista, ou seja, vinte (20). Estas frases e parágrafos foram usados de forma integral ou condensados, e/ou reduzidos, no intuito de facilitar e estruturar futuras análises e inferências sobre o tema.

Por proximidade de assuntos, agrupamos algumas perguntas, obtendo o número de quatorze (14) unidades de contexto. Para Bardin (2010 p.133), “A unidade de contexto serve de unidade de compreensão para codificar a unidade de registro...”. As quatorze unidades de contexto abrigam duzentos e vinte e cinco (225) unidades de registro para as entrevistas com a PUC-Rio, e cento e trinta e sete (137) unidades de registro para Univille.

Reportamos as unidades de contexto e as perguntas correspondentes:

Unidade de contexto		Perguntas da entrevista
01	O que os professores pensam sobre os conteúdos programáticos ministrados nas disciplinas de fotografia.	Qual o conteúdo programático de sua disciplina? O que você pensa sobre esses conteúdos? Os conteúdos da disciplina, na sua análise, são mais abordados do ponto de vista da prática fotográfica ou da teoria da linguagem fotográfica?
02	O que os professores pensam sobre a bibliografia indicada no programa das disciplinas de fotografia por eles selecionadas.	Quais as suas impressões sobre a bibliografia indicada no programa da disciplina por você lecionada?
03	A passagem da tecnologia analógica à digital pode ter provocado avanços nos exercícios práticos de fotografia.	A passagem da tecnologia analógica à digital, nos exercícios práticos de fotografia, representou uma evolução ou um retrocesso?

04	Com perdas e ganhos, a tecnologia digital pode estar substituindo a tecnologia analógica no ensino da fotografia.	<p>No seu ponto de vista, a tecnologia digital está substituindo a tecnologia analógica na prática do ensino da disciplina de fotografia?</p> <p>Em caso afirmativo, quais são os ganhos e perdas?</p>
05	O uso dos meios de comunicação atual e a convergência tecnológica podem estar facilitando o ensino da fotografia.	<p>Os meios de comunicação atuais (internet, televisão, revistas, etc) e a convergência tecnológica têm facilitado ou dificultado o ensino da fotografia?</p> <p>Você usa a internet em sala de aula para o desenvolvimento dos trabalhos?</p>
06	A câmara incorporada a outras mídias pode estar causando mudanças no aprendizado da fotografia.	<p>Você percebe algumas mudanças no aprendizado face ao surgimento de novas mídias que usam a câmara fotográfica incorporada (ex: celular, notebook)?</p> <p>O uso da câmara fotográfica do celular se configura como um conteúdo programático tanto na perspectiva teórica quanto prática?</p>
07	A tecnologia digital pode ter provocado mudanças na relação da disciplina de fotografia com o curso de design.	<p>No seu ponto de vista, houve alguma mudança na relação entre as disciplinas de fotografia e o curso de design provocada pela tecnologia digital?</p>

08	Os alunos podem estar mudando a sua forma de ver e realizar a fotografia pela popularização dos softwares de tratamento e de edição de imagens.	Quais mudanças você percebe por parte dos alunos, na forma de ver e realizar a fotografia, depois da popularização dos softwares de tratamento e de edição de imagens?
09	A câmara fotográfica do celular pode estar configurando-se como um conteúdo programático tanto na perspectiva teórica quanto prática nos cursos de design.	O uso da câmara fotográfica do celular se configura como um conteúdo programático tanto na perspectiva teórica quanto prática?
10	O ensino da linguagem fotográfica amplia a visão de mundo dos alunos, tornando-os mais críticos e preparando-os para novas formas de comunicação.	Em sua opinião, o ensino da linguagem fotográfica amplia a visão de mundo dos alunos e os tornam mais críticos? O ensino da linguagem fotográfica prepara o estudante para a vivência de novas formas de comunicação?
11	As mudanças curriculares estão trazendo ganhos pedagógicos para as disciplinas de fotografia.	Você acredita que houve ganhos pedagógicos na mudança de currículo no desenvolvimento das ementas das disciplinas de fotografia?
12	A disciplina de fotografia contribui para a formação do designer.	No seu ponto de vista, no que a disciplina de fotografia contribui para a formação do designer? De que maneira?
13	Como os professores realizam as avaliações dos alunos na disciplina de fotografia?	Como é realizada a avaliação dos alunos na disciplina de fotografia?
14	Formação acadêmica e profissional	Qual sua formação acadêmica e profissional?

Quadro 5 - Relação unidades de contexto e as perguntas da entrevista

Paralelamente a esta ação de levantamento das unidades de contexto, fiz a categorização das hipóteses que balizaram esta pesquisa:

1. O ensino da linguagem fotográfica pode ampliar a visão de mundo dos alunos, tornando-os mais críticos e contribuindo para compreensão da fotografia como uma reprodução transformadora.

2. As disciplinas de fotografia estão produzindo, junto aos alunos de Design, reflexões sobre as mudanças tecnológicas e não só questões inerentes às técnicas fotográficas.

3. A linguagem da imagem fotográfica pode influenciar os processos de aprendizagem e formação do designer.

4. As mudanças tecnológicas na fotografia estão sendo acompanhadas pelos currículos de Design.

5. As transformações tecnológicas ocorridas nos últimos anos podem ter afetado profundamente a disciplina de fotografia, principal responsável pelo ensino da linguagem fotográfica nos cursos de Design.

6. A hiper exposição à imagem fotográfica, potencializada por novas plataformas midiáticas, pode estar desenvolvendo outras formas de construção do conhecimento e influenciando na relação ensino e aprendizagem.

7. O domínio da linguagem fotográfica é um recurso importante no ensino do Design e ajuda a construir o ver e o fazer ver.

8. As novas plataformas midiáticas têm permitido uma maior utilização da fotografia em todo o ambiente de ensino, contribuindo para o aumento do potencial expressivo do aluno.

Codificando as hipóteses delineadas na introdução da pesquisa, defini a representação de seus conteúdos em índices, são eles:

Conteúdo Programático (CP) - contem as opiniões dos professores sobre os conteúdos programáticos, bibliografia e avaliação da disciplina de fotografia por ele ministrada.

Formação do Designer (FD) - contem os posicionamentos dos professores sobre as influências e contribuições da disciplina de fotografia no processo de formação do designer.

Mudança tecnológica (MT) - reúne os posicionamentos dos professores sobre as mudanças tecnológicas ocorridas nos últimos anos e a influência destas mudanças na disciplina de fotografia e no curso de design.

Convergência (CV) - contem posicionamentos sobre a influência do aumento do fluxo de informações em novas plataformas midiáticas no ambiente de ensino da disciplina de fotografia.

Com o sistema de categorias criado a partir das hipóteses, observei que para cada uma das categorias propostas existia um número de perguntas correspondentes, oferecendo subsídios para definir com mais precisão as unidades de contexto responsáveis pela união das unidades de registro. A relação numérica das categorias e perguntas realizadas na entrevista é:

Código	Identificação das perguntas por ordem da entrevista	Números de unidades de contexto	Números de unidades de registro
CP	2-3-4-5-17-19	4	138
FD	15-16-18	2	31
MT	6-7-8-12-13	4	126
CV	9, 10, 11, 14	4	59

Quadro 6 - Correspondências entre categorias, perguntas, unidades de contexto e número de unidades de registro.

A partir desta categorização, as unidades de contexto deixam de ser todas as perguntas, passando a ser grupos de perguntas diretamente relacionadas às categorias. Teremos, portanto, vinte (20) perguntas, treze (14) unidades de contexto, quatro categorias e trezentos e sessenta e duas (352) unidades de registro para as duas universidades.

Relação categoria, unidade de contexto e perguntas da entrevista:

Categoria	Unidade de contexto	Perguntas
Conteúdo programático (CP)	<p>O que os professores pensam sobre os conteúdos programáticos ministrados nas disciplinas de fotografia.</p> <p>O que os professores pensam sobre a bibliografia indicada no programa das disciplinas de fotografia por eles selecionadas.</p> <p>Como os professores realizam as avaliações dos alunos na disciplina de fotografia.</p>	<p>Qual o conteúdo programático de sua disciplina?</p> <p>O que você pensa sobre esses conteúdos?</p> <p>Os conteúdos da disciplina, na sua análise, são mais abordados do ponto de vista da prática fotográfica ou da teoria da linguagem fotográfica?</p> <p>Quais as suas impressões sobre a bibliografia indicada no programa da disciplina por você lecionada?</p> <p>Como é realizada a avaliação dos alunos na disciplina de fotografia?</p>
Formação do Designer (FD)	<p>O ensino da linguagem fotográfica amplia a visão de mundo dos alunos, tornando-os mais críticos e preparando-os para novas formas de comunicação.</p> <p>A disciplina de fotografia contribui para a formação do designer.</p>	<p>Em sua opinião, o ensino da linguagem fotográfica amplia a visão de mundo dos alunos e os tornam mais críticos?</p> <p>O ensino da linguagem fotográfica prepara o estudante para a vivência de novas formas de comunicação?</p> <p>No seu ponto de vista, no que a disciplina de fotografia contribui para a formação do designer? De que maneira?</p>
Mudanças tecnológicas (MT)	<p>A passagem da tecnologia analógica à digital pode ter provocado avanços nos exercícios práticos de fotografia.</p> <p>Com perdas e ganhos, a tecnologia digital pode estar substituindo a tecnologia analógica no ensino da fotografia.</p> <p>A tecnologia digital pode ter provocado mudanças na relação da disciplina de fotografia com o curso de design.</p>	<p>A passagem da tecnologia analógica à digital, nos exercícios práticos de fotografia, representou uma evolução ou um retrocesso?</p> <p>No seu ponto de vista, a tecnologia digital está substituindo a tecnologia analógica na prática do ensino da disciplina de fotografia?</p> <p>Em caso afirmativo, quais são os ganhos e perdas?</p> <p>No seu ponto de vista, houve alguma mudança na relação entre as disciplinas de fotografia e o curso de design provocada pela tecnologia digital?</p> <p>Quais mudanças você percebe por parte dos alunos, na forma de ver e realizar a fotografia, depois da popularização dos <i>softwares</i> de</p>

	Os alunos podem estar mudando a sua forma de ver e realizar a fotografia pela popularização dos <i>softwares</i> de tratamento e de edição de imagens.	tratamento e de edição de imagens?
Convergência (CV)	<p>A câmara incorporada a outras mídias pode estar causando mudanças no aprendizado da fotografia.</p> <p>O uso dos meios de comunicação atual e a convergência tecnológica podem estar facilitando o ensino da fotografia.</p> <p>A câmara fotográfica do celular pode estar configurando-se como um conteúdo programático tanto na perspectiva teórica quanto prática nos cursos de design.</p>	<p>Os meios de comunicação atuais (internet, televisão, revistas, etc) e a convergência tecnológica têm facilitado ou dificultado o ensino da fotografia?</p> <p>O uso da câmara fotográfica do celular se configura como um conteúdo programático tanto na perspectiva teórica quanto prática?</p> <p>Você usa a internet em sala de aula para o desenvolvimento dos trabalhos?</p>

Quadro 7 - Relação categoria, unidade de contexto e perguntas da entrevista

Existem perguntas que não se enquadram diretamente nas categorias que envolvem as hipóteses. Estas perguntas foram classificadas como corpus secundário, por oferecer contribuições complementares à contextualização e darão suporte às inferências que serão realizadas sobre os dados coletados. O corpus secundário é composto das seguintes perguntas:

1. Há quanto tempo você leciona disciplinas na área de fotografia?
Especificamente quais disciplinas?

20. Qual sua formação acadêmica e profissional?

As unidades de contexto do corpus secundário são as próprias perguntas formuladas aos professores. A partir das unidades de contexto, criamos as categorias:

Tempo de experiência (TE) - contem o tempo de experiência lecionando na área de fotografia e em quais disciplinas.

Formação (FM) – contem a formação profissional e acadêmica do entrevistado.

As unidades de contexto do corpus secundário geraram vinte e uma (21) unidades de registro para as duas universidades. Neste caso, não contabilizei a frequência.

4.4.5 Representação dos dados

A representação é dividida em PUC e Univille. Na PUC-Rio, os cursos analisados são Comunicação Visual e Projeto de Produto. Na Univille, são Programação Visual e Projeto de Produto.

Identifiquei os professores da PUC-Rio como A e B, associados à letra P, identificando a universidade. Realizei o mesmo processo com os professores da Univille, identificando-os como A e B e associados à letra U.

4.4.5.1 Corpus secundário. PUC- Rio

Unidades Contexto		Unidades de Registro	
01 AP	Há quanto tempo você leciona disciplinas na área de fotografia? Especificamente quais disciplinas?	1.1	Vinte e cinco (25) anos de formado
		1.2	Leciona há trinta e três anos
		1.3	Todas as disciplinas ligadas à fotografia

Quadro 8 - Primeira relação unidades de contexto e unidades de registro para o professor A no corpus secundário da PUC- Rio.

Unidades Contexto		Unidades de Registro	
02 AP	Qual sua formação acadêmica e profissional?	2.1	Mestre
		2.2	Doutorando
		2.3	Formado em Design
		2.4	Experiência em cinema e vídeo

Quadro 9 - Segunda relação unidades de contexto e unidades de registro para o professor A no corpus secundário da PUC- Rio.

Unidades Contexto		Unidades de Registro	
01	Há quanto tempo você leciona disciplinas na área de fotografia?	1.1	Dezessete (17) anos
BP	Especificamente quais disciplinas?	1.2	Todas as disciplinas ligadas à fotografia, Fotografia e Fotografia I. Introdução a Fotografia

Quadro 10 - Primeira relação unidades de contexto e unidades de registro para o professor B no corpus secundário da PUC- Rio.

Unidades Contexto		Unidades de Registro	
02 BP	Qual sua formação acadêmica e profissional	2.1	Formação em Cinema
		2.2	Experiência em cinema e vídeo
		2.3	Mestre

Quadro 11 - Segunda relação unidades de contexto e unidades de registro para o professor A no corpus secundário da PUC- Rio.

4.4.5.2 Corpus secundário. Univille

Unidades Contexto		Unidades de Registro	
01 AU	Há quanto tempo você leciona disciplinas na área de fotografia? Especificamente quais disciplinas?	1.1	Três (3) anos
		1.2	Fotografia, Design da imagem Fotográfica

Quadro 12 - Primeira relação unidades de contexto e unidades de registro para o professor A no corpus secundário da Univille.

Unidades Contexto		Unidades de Registro	
02 AU	Qual sua formação acadêmica e profissional	2.1	Graduada em Design e especialista em Marketing
		2.2	Mestranda em Design da Informação

Quadro 13 - Segunda relação unidades de contexto e unidades de registro para o professor A no corpus secundário da Univille.

Unidades Contexto		Unidades de Registro	
01 BU	Há quanto tempo você leciona disciplinas na área de fotografia?	1.1	Cinco (5) anos
	Especificamente quais disciplinas?	1.2	Fotografia e Design da Imagem Fotográfica

Quadro 14 - Primeira relação unidades de contexto e unidades de registro para o professor B no corpus secundário da Univille.

Unidades Contexto		Unidades de Registro	
02 BU	Qual sua formação acadêmica e profissional	2.1	Graduada em Design
		2.2	Pós-graduação em Design de móveis
		2.3	Mestranda em Patrimônio Cultural e Sociedade

Quadro 15 - Segunda relação unidades de contexto e unidades de registro para o professor B no corpus secundário da Univille.

4.4.5.3

Corpus principal. PUC-Rio

Unidades Contexto		Unidades de Registro		Frequência
01P	O que os professores pensam sobre os conteúdos programáticos ministrados nas disciplinas de fotografia.	1.1	A carga horária é insuficiente.	11 vezes
		1.2	O estudo da linguagem deve vir depois do aparato fotográfico.	11 vezes
		1.3	Aprende-se mais a linguagem fotográfica em detrimento da técnica.	7 vezes
		1.4	Tudo está muito mudado.	6 vezes
		1.5	Falta estrutura.	6 vezes
		1.6	A fotografia não mudou.	4 vezes
		1.7	O conteúdo no primeiro período é muito cedo, falta conteúdo prévio.	4 vezes
		1.8	Isso tudo é um desafio.	3 vezes
		1.9	Os atuais conteúdos estão mais focados na linguagem fotográfica.	2 vezes
		1.10	A universidade nos deixa livre para dar um enfoque teórico ou prático à disciplina.	2 vezes
		1.11	O nome da disciplina não se adéqua ao conteúdo programático.	1 vez

		1.12	Há o mesmo conteúdo para várias habilitações.	1 vez
		1.13	Não tem eletiva para dar possibilidade de complemento de conteúdo.	1 vez
		1.14	Não se pode separar teoria e prática fotográfica.	1 vez

Quadro 16 - Relação entre unidade de contexto 01, unidades de registro e frequência na PUC- Rio.

Unidades Contexto		Unidades de Registro		Frequência
02 P	O que os professores pensam sobre a bibliografia indicada no programa das disciplinas de fotografia por eles selecionadas.	2.1.	Liberdade para propor a bibliografia.	4 vezes
		2.2	Eu não participei da construção.	1 vez
		2.3	Livros de fotografia sempre foram muito caro.	1 vez
		2.4	Co-relaciona livros similares.	1 vez
		2.5	A bibliografia básica fica quase que restrita ao aspecto técnico.	1 vez

Quadro 17 - Relação entre unidade de contexto 02, unidades de registro e frequência na PUC- Rio.

Unidades Contexto		Unidades de Registro		Frequência
03P	A passagem da tecnologia analógica à digital pode ter provocado avanços nos exercícios práticos de fotografia.	3.1	Como as condições não foram mantidas, foi um retrocesso.	6 vezes
		3.2	O ato fotográfico fica absolutamente banalizado no digital.	4 vezes
		3.3	O aluno que passou pelo analógico está mais preparado para o digital.	2 vezes
		3.4	Nas mesmas condições de ensino, não representaria nem avanço, nem retrocesso.	1 vez
		3.5	Com a tecnologia digital o aluno pode ter um laboratório em casa.	1 vez
		3.6	Não foi nem avanço nem retrocesso, foi um e outro.	1 vez
		3.7	Foi evolução pelo pragmatismo e pelo tempo.	1 vez
		3.8	Não ter no analógico a resposta imediata, provocava zelo ao fotografar.	1 vez
		3.9	Fotografar indiscriminadamente não forma o olhar de ninguém, isso é falta de critério estético.	1 vez

		3.10	Avanço por ter baixado os custos.	1 vez
		3.11	O digital você clica e está, não é avanço.	1 vez

Quadro 18 - Relação entre unidade de contexto 03, unidades de registro e frequência na PUC- Rio.

Unidades Contexto		Unidades de Registro		Frequência
04P	Com perdas e ganhos, a tecnologia digital pode estar substituindo a tecnologia analógica no ensino da fotografia.	4.1	A tecnologia digital já substituiu completamente.	4 vezes
		4.2	A PUC hoje, em termos de analógico, não oferece mais nada.	3 vezes
		4.3	Esta mudança é favorável no Brasil, porque o material do analógico é importado.	3 vezes
		4.4	Andou pra trás, em termos de qualidade.	3 vezes
		4.5	A tecnologia digital veio democratizar um pouco mais a fotografia.	2 vezes
		4.6	Tudo o que eu ensino de analógico para os meus alunos hoje é por minha conta.	2 vezes
		4.7	Eu sou totalmente contrária a essa substituição.	1 vez
		4.8	O que se ganha poderia ser conquistado por outros caminhos.	1 vez
		4.9	Se houver a substituição, é uma pena, ...porque eu acho que o que se perde não é repostado pelas vantagens do digital.	1 vez
		4.10	O mundo digital é um mundo selvagem, sem normas e poucos padrões. É tecnologia da caixa preta.	1 vez
		4.11	A possibilidade de clicar, sentar no computador, com tudo sob controle, poder mexer na cor, então você tem o que quer, você é capaz.	1 vez

Quadro 19 - Relação entre unidade de contexto 04, unidades de registro e frequência na PUC- Rio.

Unidades Contexto		Unidades de Registro		Frequência
05P	O uso dos meios de comunicação atuais e a convergência tecnológica	5.1	Tem facilitado.	10 vezes
		5.2	Não uso a internet por não estar disponível em sala de aula.	6 vezes
		5.3	Na televisão, o aluno acha coisas que normalmente não procura na internet...então atrapalhar, honestamente, eu acho que não.	3 vezes

podem estar facilitando o ensino da fotografia.	5.4	Hoje, para os alunos, a internet atesta o conhecimento.	3 vezes
	5.5	A televisão aberta não ajuda, talvez porque banalize a imagem, não sei, não sei.	1 vez
	5.6	Acho que televisão é uma rádio ilustrada, né? Então eu não sei.	1 vez
	5.7	O grande problema é a preservação.	1 vez
	5.8	Com essa evolução tão rápida, com essas trocas de processos e tecnologias, isso eu acho perigoso.	1 vez

Quadro 20 - Relação entre unidade de contexto 05, unidades de registro e frequência na PUC- Rio.

Unidades Contexto		Unidades de Registro		Frequência
06P	A câmara incorporada a outras mídias pode estar causando mudanças no aprendizado da fotografia	6.1	Eu trabalho com a compacta.	3 vezes
		6.2	Eu não incentivo.	2 vezes
		6.3	O que todo mundo tem, é uma digital compacta.	2 vezes
		6.4	Eu percebo.	2 vezes
		6.5	Eu não percebo.	1 vez
		6.6	Eu não proíbo.	1 vez
		6.7	Eu não faço discurso contra.	1 vez
		6.8	A câmara do celular ,eu mostro as desvantagens.	1 vez
		6.9	A câmara do celular é para você ter o tempo todo.	1 vez
		6.10	A câmara do celular não substitui a câmara digital que tem mais recursos, que tem vantagens.	1 vez
		6.11	Eu não valorizo a câmara do celular.	1 vez
		6.12	(A universidade tem) sempre um número inferior de câmeras comparado aos alunos.	1 vez
		6.13	(É bom porque eles) podem dividir o equipamento.	1 vez
		6.14	Tem um lado até saudável nisso que é um observar o do outro e gera-se um diálogo.	1 vez
		6.15	O acesso facilitado (da câmara do celular) permite o registro do momento.	1 vez

Quadro 21 - Relação entre unidade de contexto 06, unidades de registro e frequência na PUC- Rio.

Unidades Contexto		Unidades de Registro		Frequência
07P	A tecnologia digital pode ter provocado mudanças na relação da disciplina de fotografia com o curso de design	7.1	Não. Na verdade o entrosamento nunca foi o ideal.	5 vezes
		7.2	O ensino da fotografia necessita de outros conhecimentos, o que dificulta estar no primeiro ano.	2 vezes
		7.3	Sim, tem vantagens.	2 vezes
		7.4	Esta relação independe do analógico ou digital.	2 vezes
		7.5	Eu acho que a integração se deu pela estrutura do currículo novo.	2 vezes

Quadro 22 - Relação entre unidade de contexto 07, unidades de registro e frequência na PUC- Rio.

Unidades Contexto		Unidades de Registro		Frequência
08P	Os alunos podem estar mudando a sua forma de ver e realizar a fotografia pela popularização dos <i>softwares</i> de tratamento e de edição de imagens.	8.1	A maioria dos alunos não domina esses <i>softwares</i> .	5 vezes
		8.2	O ato fotográfico ficou banalizado.	4 vezes
		8.3	O ato fotográfico mudou radicalmente.	1 vez
		8.4	Fotografar e editar são momentos distintos.	1 vez

Quadro 23 - Relação entre unidade de contexto 08, unidades de registro e frequência na PUC- Rio.

Unidades Contexto		Unidades de Registro		Frequência
09P	A câmara fotográfica do celular pode estar configurando-se como um conteúdo programático tanto na perspectiva teórica quanto prática nos	9.1	Não Uso.	2 vezes
		9.2	Eu não vejo sentido algum em gastar tempo com o celular.	2 vezes
		9.3	Todas as funções que você tem no celular pra tirar foto estão presentes em uma câmera compacta.	1 vez
		9.4	Porque o celular não trouxe nada de novo para a fotografia.	1 vez
		9.5	O celular é um telefone que incorporou a câmera.	1 vez

	cursos de design.	9.6	Eles não conseguem ser a câmera.	1 vez
		9.7	Eu acho que o curso tem que ser centrado na compacta.	1 vez

Quadro 24 - Relação entre unidade de contexto 09, unidades de registro e frequência na PUC- Rio.

Unidades Contexto		Unidades de Registro		Frequência
10P	O ensino da linguagem fotográfica amplia a visão de mundo dos alunos, tornando-os mais críticos ao mesmo tempo que os prepara para novas formas de comunicação.	10.1	Sem dúvida.	5 vezes
		10.2	Me esforço para isso.	2 vezes
		10.3	Ensino da fotografia é um instrumento poderosíssimo.	2 vezes
		10.4	Olhar pra imagem e saber ler a imagem, entender, colocá-la em um contexto.	1 vez
		10.5	Amplia o próprio horizonte até geograficamente.	1 vez

Quadro 25 - Relação entre unidade de contexto 10, unidades de registro e frequência na PUC- Rio.

Unidades Contexto		Unidades de Registro		Frequência
11P	As mudanças curriculares estão trazendo ganhos pedagógicos para as disciplinas de fotografia.	11.1	Trouxe perda.	3 vezes
		11.2	A carga horária é insuficiente.	1 vez
		11.3	O número de alunos é muito alto por turma.	1 vez
		11.4	Falta infra-estrutura.	1 vez
		11.5	O currículo novo buscou maior integração entre as disciplinas.	1 vez

Quadro 26 - Relação entre unidade de contexto 11, unidades de registro e frequência na PUC- Rio.

Unidades Contexto		Unidades de Registro		Frequência
12P	A disciplina de fotografia contribui para a formação do designer.	12.1	O ensino da fotografia é essencial no curso de design.	4 vezes
		12.2	A fotografia é um instrumento de trabalho para o designer.	3 vez
		12.3	É importante para dialogar com o fotógrafo ou profissionais da produção da imagem.	3 vez
		12.4	É importante pelas relações estéticas e pessoais com o sujeito.	1 vez

		12.5	A prática fotográfica traz vivência ao aluno.	1 vez
		12.6	Possibilita uma leitura e vivência de mundo.	1 vez

Quadro 27 - Relação entre unidade de contexto 12, unidades de registro e frequência na PUC- Rio.

Unidades Contexto		Unidades de Registro		Frequência
13P	Como é realizada a avaliação dos alunos na disciplina de fotografia?	13.1	Na minha disciplina, toda a avaliação é baseada em exercícios práticos e a nota tem um dado subjetivo.	1 vez
		13.2	Eu tento avaliar ao máximo baseado em preceitos técnicos.	1 vez
		13.3	É uma disciplina acessória, secundária, embora muito importante, se o cara fez tudo direito, participou das aulas, aprendeu, fez os exercícios, mas não revelou talento. Fez fotos talvez medíocres. Não é por isso que eu vou ferrar o cara.	1 vez
		13.4	Eu foco muito no processo.	1 vez
		13.5	Eles são livres pra apresentar da forma que eles quiserem o ensaio fotográfico. Os exercícios técnicos, não. No exercício técnico, a entrega é analógica, impressão com paspatur, folha de contato com os fotogramas selecionados, que atendem ao exercício, devidamente marcados.	1 vez

Quadro 28 - Relação entre unidade de contexto 13, unidades de registro e frequência na PUC- Rio.

4.4.5.4 Corpus principal. Univille

Unidades Contexto		Unidades de Registro		Frequência
01U	O que os professores pensam sobre os conteúdos programáticos ministrados nas disciplinas de fotografia.	1.1.	A carga horária é insuficiente.	3 vezes
		1.2	Conteúdo extenso e por consequência superficial.	2 vezes
		1.3	É o básico para o aluno.	1 vez
		1.4	Se o aluno se interessar por um conteúdo específico, ele aprofunda em outro momento.	1 vez
		1.5	Ele é muito mais focado na prática do que na teoria.	1 vez
		1.6	Consigo equilibrar teoria e prática.	1 vez

Quadro 29- Relação entre unidade de contexto 01, unidades de registro e frequência na Univille.

Unidades Contexto		Unidades de Registro		Frequência
02U	O que os professores pensam sobre a bibliografia indicada no programa das disciplinas de fotografia por eles selecionadas.	2.1.	Estão desatualizadas.	2 vezes
		2.2	As bibliografias são muito amplas.	1 vezes
		2.3	Faltam bibliografias mais específicas para cada habilitação.	1 vez
		2.4	A bibliografia fica muito no básico e em questões técnicas.	1 vez
		2.5	Faltam obras sobre a cultura imagética.	1 vez

Quadro 30- Relação entre unidade de contexto 02, unidades de registro e frequência na Univille.

Unidades Contexto		Unidades de Registro		Frequência
03U	O que representou a passagem da tecnologia analógica à digital, nos exercícios práticos de fotografia.	3.1.	Uma evolução.	7 vezes
		3.2	Melhor para os alunos, mais didático.	3 vezes
		3.3	É ao mesmo tempo um retrocesso.	2 vezes
		3.4	Pensam menos antes de fotografar.	2 vezes
		3.5	Eu tento trabalhar mais o pensar e o olhar fotográfico.	1 vez
		3.6	Tornou o processo mais teórico.	1 vez
		3.7	Eles avaliam a fotografia depois do ato fotográfico e não antes.	1 vez

Quadro 31- Relação entre unidade de contexto 03, unidades de registro e frequência na Univille.

Unidades Contexto		Unidades de Registro		Frequência
04U	Com perdas e ganhos, a tecnologia digital pode estar substituindo a tecnologia analógica no ensino da fotografia.	4.1	Eu não considero que o digital seja um processo fotográfico.	8 vezes
		4.2	Pela familiaridade dos alunos com a tecnologia.	7 vezes
		4.3	No computador é mais distante, menos sensibilidade e envolvimento.	4 vezes
		4.4	Está substituindo, sem sombra de dúvida.	2 vezes
		4.5	Há uma maior facilidade de assimilação do conteúdo.	2 vez
		4.6	As perdas eu acho que é por conta do processo fotográfico.	1 vez
		4.7	A universidade tem que está alinhada com a cultura do aluno, o dia a dia deles.	1 vez
		4.8	A qualidade muitas vezes é menor, apesar de você ter um controle maior de software.	1 vez

		4.9	Os ganhos é a questão da economia, da rapidez, é de um processo mais limpo, mais rápido.	1 vez
		4.10	Na analógica a fotografia tem que ser muito bem pensada.	1 vez

Quadro 32- Relação entre unidade de contexto 04, unidades de registro e frequência na Univille.

Unidades Contexto		Unidades de Registro		Frequência
05U	O uso dos meios de comunicação atuais e a convergência tecnológica podem estar facilitando o ensino da fotografia.	5.1	Acredito que tem facilitado.	4 vezes
		5.2	Acho que o aluno consegue obter conhecimento muito mais rápido, não dependendo tanto da gente, ele quer, ele busca, ele tem acesso.	4 vezes
		5.3	Eu uso a internet para mostrar trabalhos, para enviar e postar trabalhos, bem como receber.	2 vezes
		5.4	Eu uso bastante a internet.	1 vez

Quadro 33- Relação entre unidade de contexto 05, unidades de registro e frequência na Univille.

Unidades Contexto		Unidades de Registro		Frequência
06U	A câmara incorporada a outras mídias pode estar causando mudanças no aprendizado da fotografia.	6.1	As fotografias são muito parecidas.	5 vezes
		6.2	A praticidade faz com que o aluno não se concentre no que faz.	2 vezes
		6.3	Segurar longe, virado pro rosto, esse auto fotografar, agente vê que eles tentam reproduzir isto com a câmera fotográfica.	1 vez
		6.4	Você vê a influência da estética do celular sendo reproduzida na sala de aula.	1 vez
		6.5	Se forem utilizados com bom senso, os equipamentos sempre serão bem-vindos, mas em sua grande maioria, há abuso.	1 vez

Quadro 34- Relação entre unidade de contexto 06, unidades de registro e frequência na Univille.

Unidades Contexto		Unidades de Registro		Frequência
07U	A tecnologia digital pode ter provocado mudanças na relação da disciplina de fotografia com o curso de	7.1	Sim.	5 vezes
		7.2	A praticidade faz com que o aluno não se concentre no que faz.	2 vezes
		7.3	Cabe melhor no processo de desenvolvimento, de criação.	1 vez
		7.4	O curso de design se ocupa muito de <i>softwares</i> e facilitou muito esse tipo de trabalho.	1 vez

	design.	7.5	Há uma proximidade maior entre as disciplinas.	1 vez
		7.6	Facilitou a interdisciplinaridade.	1 vez
		7.7	Há um ganho na qualidade dos materiais e trabalhos apresentados pelos alunos.	1 vez

Quadro 35- Relação entre unidade de contexto 07, unidades de registro e frequência na Univille.

Unidades Contexto		Unidades de Registro		Frequência
08U	Os alunos podem estar mudando a sua forma de ver e realizar a fotografia pela popularização dos <i>softwares</i> de tratamento e de edição de imagens.	8.1	Eu vejo que há certo comodismo, pois eles veem que vão arrumar depois.	7 vezes
		8.2	Quando a foto é mais autoral, eles não querem usar os <i>softwares</i> de tratamento de imagens.	4 vezes
		8.3	Sempre quando eu peço algum trabalho, a resposta é: posso usar Photoshop.	1 vez
		8.4	Mas quando é pra trabalho de design, geralmente eles não têm esse cuidado de fazer uma foto mais primorosa.	1 vez
		8.5	Não tem como melhorar, eles vão a partir do software.	1 vez

Quadro 36- Relação entre unidade de contexto 08, unidades de registro e frequência na Univille.

Unidades Contexto		Unidades de Registro		Frequência
09U	A câmara fotográfica do celular pode estar configurando-se como um conteúdo programático tanto na perspectiva teórica quanto prática nos cursos de design.	9.1	Ele não é abordado como um tipo de câmera a ser utilizada.	1 vez
		9.2	Os conhecimentos que são trabalhados na parte de linguagem fotográfica se aplicam a qualquer tipo de câmera.	1 vez
		9.3	Em algumas atividades práticas, ele é utilizado.	1 vez
		9.4	Não utilizei a câmera fotográfica de celular em aulas.	1 vez

Quadro 37- Relação entre unidade de contexto 09, unidades de registro e frequência na Univille.

Unidades Contexto		Unidades de Registro		Frequência
10U	O ensino da linguagem fotográfica amplia a visão de mundo dos alunos, tornando-os mais críticos ao mesmo tempo que os prepara para novas formas de comunicação.	10.1	Eu acho que sim, com certeza.	2 vezes
		10.2	Os alunos que se identificam com a fotografia.	2 vezes
		10.3	Os alunos procuram algo diferente, uma identidade na fotografia.	1 vez
		10.4	Na linguagem fotográfica você consegue perceber coisas do mundo, o universo circundante.	1 vez

Quadro 38- Relação entre unidade de contexto 10, unidades de registro e frequência na Univille.

Unidades Contexto		Unidades de Registro		Frequência
11U	As mudanças curriculares estão trazendo ganhos pedagógicos para as disciplinas de fotografia.	11.1	Deveria ser mais voltada para os novos meios.	2 vezes
		11.2	Deveria ser atualizado.	2 vezes
		11.3	A carga horária é insuficiente	1 vez
		11.4	Não só um ano de fotografia, mas continuar com os mesmos dois anos de fotografia que tinha anteriormente	1 vez

Quadro 39- Relação entre unidade de contexto 11, unidades de registro e frequência na Univille.

Unidades Contexto		Unidades de Registro		Frequência
12U	A disciplina de fotografia contribui para a formação do designer.	12.1	Exercita a percepção.	5 vezes
		12.2	Ficam um pouco mais críticos.	1 vezes
		12.3	Estimula o potencial criativo, tanto individualmente como coletivamente.	1 vez
		12.4	Exercita e desenvolve a capacidade de comunicação através da imagem.	1 vez

Quadro 40- Relação entre unidade de contexto 12, unidades de registro e frequência na Univille.

Unidades Contexto		Unidades de Registro		Frequência
13U	Como é realizada a avaliação dos alunos na disciplina de fotografia?	13.1	A avaliação é feita de forma prática, quando ele tá relacionado a conteúdos que são práticos,né? Então, exercícios individuais ou muitas vezes em grupos.	1 vez
		13.2	Quando o conteúdo é teórico, aí a avaliação é feita de forma teórica, em forma de avaliação bimestral, escrita ou com pesquisas	1 vezes
		13.3	Através de trabalhos práticos e projetos.	1 vez
		13.4	Em poucos casos são realizados provas teóricas.	1 vez
		13.5	Nas fotos analisa-se a técnica, a plasticidade, o enquadramento, a composição, o olhar, enfim.	1 vez
		13.6	Há também o interesse em estimular o envolvimento dos alunos através de trabalhos extras que motivem sua participação, os quais não prejudicam na nota se ele não realiza, mas irá contribuir na média final se a atividade for executada e entregue.	1 vez

Quadro 41- Relação entre unidade de contexto 13, unidades de registro e frequência na Univille.

4.5 Análise da pesquisa

Com base na definição dos parâmetros, realizei a análise dos dados dividindo em quatro categorias: Mudanças Tecnológicas (MT); Convergência (CV) Formação do Designer (FD); Conteúdo Programático (CP).

4.5.1 Mudanças Tecnológicas (MT)

Esta categoria foi criada para reunir o posicionamento dos professores sobre as mudanças tecnológicas ocorridas nos últimos anos e sua influência nas disciplinas de fotografia e nos cursos de Design.

Durante a pesquisa argumentei que as transformações tecnológicas do analógico ao digital podem ter afetado profundamente a disciplina de fotografia, principal responsável pelo ensino da linguagem fotográfica nos cursos de Design e que estas mudanças, por sua vez, podem estar interferindo nos processos de ensino e aprendizagem. Partindo desta hipótese, procurei também observar se estas reflexões chegam à sala de aula ou se atém apenas a questões inerentes às técnicas fotográficas.

A mudança da tecnologia analógica à digital permitiu aumentarmos, de forma exponencial, as nossas próteses, rompendo fronteiras da visualidade. Os olhos da sociedade contemporânea são multiplicados a cada dia e tendem a ocupar todos os espaços, por maiores ou menores que sejam. Estas próteses pluralizam o ponto de vista, que podem refletir-se na sala de aula e no relacionamento social. É a partir destas observações que acredito que estas mudanças não se limitaram a trocar de captação, armazenagem e veiculação fotográfica, elas podem estar alterando o relacionamento social, a forma de ver, de comunicar e aprender a fotografia e, conseqüentemente, a formação do designer. Estas hipóteses vão ao encontro do posicionamento de Crary (1990) que vê na alteração da técnica, a alteração da cultura visual, e do McLuran (1969) que acreditava que as próteses alteram o complexo psicossocial.

Observando a importância, influência e amplitude das mudanças tecnológicas ocorridas nos últimos anos no campo da tecnologia da informação aliadas à fotografia, criamos a categoria Mudanças Tecnológicas no intuito de procurar saber o posicionamento dos professores a este respeito. Propus quatro (4) hipóteses que se configuram como unidades de contexto:

a) com perdas e ganhos, a tecnologia digital pode estar substituindo a tecnologia analógica no ensino da fotografia;

b) a passagem da tecnologia analógica à digital pode ter provocado avanços nos exercícios práticos de fotografia;

c) a tecnologia digital pode ter provocado mudanças na relação da disciplina de fotografia com o curso de design;

d) os alunos podem estar mudando a sua forma de ver e realizar a fotografia pela popularização dos *softwares* de tratamento e de edição de imagens;

No intuito de levantar os dados sobre estas hipóteses, realizei cinco (5) perguntas:

a) A passagem da tecnologia analógica à digital, nos exercícios práticos de fotografia, representou uma evolução ou um retrocesso?

b) No seu ponto de vista, a tecnologia digital está substituindo a tecnologia analógica na prática do ensino da disciplina de fotografia?

c) Em caso afirmativo, quais são os ganhos e perdas?

d) No seu ponto de vista, houve alguma mudança na relação entre as disciplinas de fotografia e o curso de design provocada pela tecnologia digital?

e) Quais mudanças você percebe por parte dos alunos, na forma de ver e realizar a fotografia, depois da popularização dos *softwares* de tratamento e de edição de imagens?

Obtive por meio das perguntas cento e vinte e seis (126) unidades de registro em quatro (4) unidades de contexto. Percebi nas unidades de registro que as mudanças tecnológicas são fortemente sentidas na prática do ensino da fotografia, tanto para os professores da PUC-Rio quanto para os da Univille. Para eles, a tecnologia digital já substituiu a tecnologia analógica na prática pedagógica, porém percebemos uma diferença significativa na percepção de ganhos e perdas pelas duas universidades.

Para os professores da PUC-Rio, embora salientem também os ganhos, as perdas são muito marcantes 04P (4.4; 4.9; 4.7; 4.8): “andou para trás, em termos de qualidade” com frequência de três (3) unidades; “... o que se perde não é repostado pelas vantagens do digital” com frequência de uma (1) unidade; “Eu sou totalmente contrário a essa substituição” com frequência de uma (1) unidade; “O que se ganha poderia ser conquistado por outros caminhos” com frequência de uma (1) unidade. Na PUC-Rio, obtive um posicionamento de ganho para as mudanças tecnológicas, de 3 unidades de registro, 04P (4.3, 4.5, 4.11): “Esta mudança é favorável no Brasil, porque o material do analógico é importado” com frequência de três (3) unidades; “A tecnologia digital veio democratizar um pouco mais a fotografia” com frequência de duas (2) unidades; “A possibilidade de clicar, sentar no computador, com tudo sob controle, poder mexer na cor, então você tem o que quer, você é capaz” com frequência de uma (1) unidade.

No sentido contrário, os professores da Univille apresentam um baixo índice de identificação de perdas nas mudanças tecnológicas, são elas 04U (4.3, 4.6): “No computador é mais distante, menos sensibilidade e envolvimento.” Com frequência de quatro (4) unidades; “As perdas eu acho que é por conta do processo fotográfico” com frequência de uma (1) unidade”.

Salientando os ganhos contabilizei quatro (4) unidades de registro, 04U (4.2, 4.5, 4.7, 4.8, 4.9): “Pela familiaridade dos alunos com a tecnologia” com sete (7) unidades de frequência; “Há uma maior facilidade de assimilação do conteúdo” com duas (2) unidades de frequência; “A universidade tem que está alinhada com a cultura do aluno, o dia a dia deles” com uma (1) unidade de frequência; “A qualidade muitas vezes é menor, apesar de você ter um controle maior de software” com uma (1) unidade de frequência e por fim “Os ganhos é a questão da economia, da rapidez, é de um processo mais limpo, mais rápido” também com uma (1) unidade de frequência.

A tecnologia digital no início contrastou com a analógica por não usar filmes e nem necessitar de revelação química, o que representou na época um grande apelo de uso, favorecendo sua rápida popularização. No entanto, outros atrativos, não menos sedutores, corroboraram para seu sucesso: o baixo preço, facilidade de utilização, armazenagem, transmissão, além de estar em linha com o desenvolvimento de uma série de outros produtos com tecnologia digital como: notebooks, internet, mp4, telefones celulares dentre outros. A fotografia incorporou uma nova e significativa tecnologia que se caracterizava pela praticidade.

Por meio desta tecnologia, passamos da imagem fotoquímica à fotoelétrica, da tradicional emulsão fotossensível à linguagem matemática binária, que é o menor elemento do átomo da informação “... Não tem cor nem dimensão e pode viajar a velocidade da luz. É um modo de ser sim ou não, verdadeiro ou falso, em cima ou em baixo, dentro ou fora, branco ou preto. É o zero ou o um”. Negroponte (1995, p.3).

As mudanças foram profundas e atingiram todas as atividades ligadas à fotografia a partir da última década do século XX e início do século XXI. A compressão do espaço e tempo sofrida pelos processos fotográficos e a forma de acesso e veiculação da linguagem fotográfica representaram mais do que transformações tecnológicas, foram mudanças conceituais que refletiram no

tecido sociocultural. Os profissionais que neste período estavam no auge da utilização da tecnologia analógica tiveram grande dificuldade em se adaptar e migrar para a tecnologia digital, pois, apesar de reconhecerem suas vantagens, ainda se sentem ligados às perdas. Para Forty (2007), esta é uma reação natural diante do novo: quando ele impõe perdas de valores, o pressuposto básico de aceitação é mudado e a tendência natural é resistir. Credito a isso o alto índice de rejeição da hipótese proposta. Apoio-me no corpus secundário da pesquisa que o professor A apresenta vinte e cinco (25) anos de prática no magistério da fotografia 01AP (1.1). O professor B, dezessete (17) anos 01BP (1.1).

Os professores da Univille, pela faixa etária em que se encontram e pouca vivência na cultura analógica, comparativamente: três (3) anos 01AU (1.1) e cinco (5) anos 02BU (2.1) adaptaram-se com mais facilidade à tecnologia digital. Eles salientam os ganhos pela facilidade de assimilação de conteúdos e proximidade com os alunos, pela economia, rapidez e por ser um processo ambientalmente mais limpo.

Ainda analisando esta unidade de contexto, observei um movimento de resistência, por valorização dos aspectos pedagógicos existentes ou facilitados pela tecnologia analógica, na unidade de registro 04P (4.6): “Tudo o que eu ensino de analógico para os meus alunos hoje é por minha conta”, com uma frequência de duas (2) unidades. Os professores mantêm as ações pedagógicas fundamentadas nos processos analógicos por considerarem relevantes, mesmo sem condições de serem oferecidas.

Outro aspecto salientado pela pesquisa é que os professores da Univille foram categóricos em afirmar que a fotografia digital não era um processo fotográfico, 04U (4.1), com uma frequência de aparição de 8 (oito) unidades, o que talvez permita inferir que esses professores vejam o processo fotográfico digital como uma ruptura. Esta visão vem a corroborar com o posicionamento de Almiron e Jarque (2008), visto no capítulo IV, que vê este posicionamento recorrente nas gerações mais novas. Este seria fruto do discurso da revolução tecnocultural, um discurso de mitificação tecnológica onde o mito é construído com base no rompimento histórico.

Ao longo de toda pesquisa de campo, observei que em várias unidades de contexto os professores entrevistados apresentam um ressentimento com a instituição, não só pelo tempo que levou ou está levando para adaptar suas

estruturas com as novas tecnologias, bem como por ter retirado a estrutura ligada ao processo analógico. Isto foi percebido na unidade de registro 04P (4.2): “A PUC hoje, em termos de analógico não oferece mais nada” com frequência de três (3) unidades e 04P (4.6): “Tudo o que eu ensino de analógico para os meus alunos hoje é por minha conta, trago da minha casa” com frequência de duas (2) unidades.

A velocidade das mudanças tecnológicas requer um constante investimento em equipamentos por parte das universidades. No caso da fotografia, foi necessário adquirir câmaras digitais, investir em *softwares*, *hardwares* e impressoras. Além do mais, uma das características da tecnologia digital é o curto ciclo de vida, cujos equipamentos tornam-se obsoletos rapidamente e esta dinâmica provoca dificuldades para infra-estrutura da disciplina.

Observei também que os professores com uma vivência maior na fotografia analógica, e que contribuíram para construção destes espaços com seus estúdios e laboratórios, tinham uma expectativa de ver a universidade, no caso a PUC-Rio, investir nas novas tecnologias e manter a estrutura existente, fato que não aconteceu, pois alguns destes ambientes foram desativados, reduzidos, substituídos ou reaproveitados, muitas vezes pelas dificuldades de compra de material químico, filmes e papeis.

Concordo que a compressão do espaço e tempo provocada pela tecnologia digital na fotografia refletiu diretamente na estrutura física disponibilizada à disciplina, contudo é importante levar em consideração que houve um crescimento do ambiente virtual ou ciberespaço, portanto seria mais apropriado afirmar que houve um deslocamento espacial da disciplina de fotografia, o que provocou uma nova experiência provocada pela tecnologia. Lankshear e Knobel (2008) dividem o momento atual em duas mentalidades: as que veem o mundo da forma moderno-industrial, mesmo que mais tecnológico, e as que assumem que o mundo agora é diferente do anterior. São estas pessoas que vivem em “mundos diferentes”, que se influenciam de forma mútua, criando o espaço contemporâneo do ensino e aprendizagem na sala de aula, da disciplina de fotografia dos Cursos de Design da PUC-Rio e da Univille.

Canclini (2006) vai além quando analisa estas diferenças culturais e afirma que a preocupação dos estudos científicos não deve repousar somente nas

diferenças culturais entres grupos desenvolvidos separadamente, e sim, em estudos que levem em conta a “hibridação cultural”, pois os membros de um mesmo grupo se apropriam de códigos simbólicos de forma autônoma, potencializados pela facilidade de circulação de pessoas e mercadoria, pelo acesso às redes informacionais e de relacionamento, confeccionando um tecido social de forma heterogênea e multiforme.

4.5.1.1

Mudança tecnológica e a prática fotográfica nos cursos de design

Na segunda unidade de contexto da categoria Mudanças Tecnológicas, procurei saber dos professores entrevistados se a passagem da tecnologia analógica à digital teria provocado avanços nos exercícios práticos de fotografia. Para os entrevistados da PUC-Rio, contabilizei 3 (três) unidades que evidenciam estes avanços, são elas 03P (3.5; 3.7; 3.10): “Com a tecnologia digital o aluno pode ter um laboratório em casa” com frequência de uma (1) unidade; “Foi evolução pelo pragmatismo e pelo tempo” com frequência de uma (1) unidade; “Avanço por ter baixado os custos” também com frequência de uma (1) unidade.

Os valores ressaltados estão relacionados à tecnologia e não ao processo de ensino e aprendizagem. O que permite inferir o quanto as disciplinas de fotografia ainda estão ligadas a questões tecnológicas, tornando difícil libertar-se da pecha de “Arte mecânica” cunhada por Baudelaire (1821-1867) no início do processo fotográfico. Apesar de atualmente os aparatos fotográficos permitirem a realização fotográfica com apenas um apertar de botão, a fotografia ainda encontra-se presa à tecnologia que parece ofuscar outras tantas possibilidades de abordagem.

Em um posicionamento negativo, obtive sete (7) unidades de registro contrárias à hipótese da tecnologia digital ter provocado avanços 03P (3.1; 3.2; 3.3; 3.4; 3.8; 3.9; 3.11): “como as condições estruturais não foram mantidas, foi um retrocesso” com frequência de seis (6) unidades; “o ato fotográfico fica absolutamente banalizado no digital” com frequência de quatro (4) unidades; “o aluno que passou pelo analógico está mais preparado para o digital” com frequência de duas (2) unidades; “nas mesmas condições de ensino não representaria nem avanço, nem retrocesso” com frequência de uma (1) unidade; “não ter no analógico a resposta imediata, provocava zelo ao fotografar” com frequência de uma (1) unidade; “fotografar indiscriminadamente não forma o

olhar de ninguém, isso é falta de critério estético” com frequência de uma (1) unidade; “o digital você clica e está, não é avanço” com frequência de uma (1) unidade.

As unidades de registro ainda deixam clara a resistência à tecnologia digital, ao mesmo tempo em que transparece ressentimentos com o processo de mudança: ‘o ato fotográfico ficou banalizado’; ‘...as condições não foram mantidas’; ‘fotografar indiscriminadamente...’; ‘...não é avanço’.

Fica evidente a posição contrária, para estes entrevistados, sobre a hipótese de que a tecnologia digital trouxe consigo avanços nos exercícios práticos de fotografia, embora algum avanço se registre. Com relação ao grupo entrevistado na Univille, observamos um posicionamento positivo (contrário ao anterior), ou seja, de aprovação da hipótese, mesmo com ressalvas. O número de unidades de registro que obtive com os professores é substancialmente menor, colhido em respostas mais curtas, o que me leva a inferir que o assunto não lhes parece tão polêmico. Percebi mais uma vez que os posicionamentos foram antagônicos perante a hipótese levantada, o que acredito que esteja de certa forma ligada ao que já citamos antes, a vivência com as tecnologias analógicas.

Barlon (citado por Lankshear e Knobel, 2008) distinguia dois grupos de usuários: os que nasceram ou cresceram com o ciberespaço e os que tiveram a socialização em espaço físico. Os primeiros são classificados por ele como ‘nativos’, que seria composto por pessoas que cresceram já com o espaço virtual compartilhado com o espaço físico; e os do segundo grupo como ‘imigrante’, ou seja, os que chegaram tendo como ponto de partida apenas o espaço físico. Para Barlon, esta divisão coincide, em boa parte, com a idade. Atualizados os números para o ano de 2011 seria: os que têm mais de 38 anos são migrantes e os com menos de 38 seriam os nativos. Destaca ainda que a utilização da tecnologia digital pela geração ainda em processo migratório e/ou de adaptação tende a ser de substituição às atividades já conhecidas, enquanto a geração dos nativos tende a criar novas funções e atividades.

Obtive como opinião contrária a hipótese proposta, três (3) unidades de registro com frequência de cinco (5) unidades, 03U (3.3; 3.4; 3.7): “É ao mesmo tempo um retrocesso” com frequência de duas (2) unidades; “Pensam menos antes de fotografar” com frequência de duas (2) unidades; “Eles avaliam a

fotografia depois do ato fotográfico e não antes” com frequência de uma (1) unidade. Em posições favoráveis à hipótese, registrei duas (2) unidades, com frequência de 10 (dez) unidades: “Uma evolução” com frequência de sete (7) unidades; “Melhor para os alunos, mais didático” com frequência de três (3) unidades.

Observei também que muitos dos posicionamentos contrários à hipótese proposta, ou seja, à passagem da tecnologia analógica à digital provocou avanços nos exercícios práticos de fotografia, coincidem entre as duas universidades, como por exemplo: a tecnologia digital diminuiu a atenção no construir uma fotografia, ou como os professores colocaram: “pensam menos antes de fotografar” 03U (3.4); “Não ter no analógico a resposta imediata, provocava zelo ao fotografar” 03P (3.8); “Fotografar indiscriminadamente não forma o olhar de ninguém” 03P (3.9); “Eles avaliam a fotografia depois do ato fotográfico e não antes” 03U (3.7)

Os professores entrevistados da Univille usaram mais fortemente a palavra evolução 03U (3.1) em frequência de sete (7) unidades. Os professores da PUC-Rio usaram apenas uma vez 03P (3.7): “Foi evolução pelo pragmatismo e pelo tempo”.

Este posicionamento vem mais uma vez ao encontro do que tratei anteriormente, quando realizei uma reflexão sobre a noção de ruptura histórica e visão determinista da revolução tecnológica na qual o novo é sempre um processo de evolução do velho. As gerações mais novas e adaptadas tendem a este posicionamento.

Destaco a unidade de registro 03P (3.2) onde os professores afirmam que “O ato fotográfico fica absolutamente banalizado no digital”. Esta posição reaparecerá em outras unidades de registro nesta categoria.

Estas unidades de registro poderiam ser analisadas à luz do que afirma Barlon e que tratamos no capítulo III: a tecnologia digital provocou mudanças na forma de fotografar e analisar estas imagens.

Separei uma unidade de registro para analisar a parte: 03U (3.6). O professor afirma que a tecnologia digital, “...tornou o processo mais teórico” com frequência de uma (1) unidade. Esta unidade de registro me permite inferir que a tecnologia digital possibilitou um processo fotográfico mais simplificado, menos

artesanal, permitindo trabalhar questões mais teóricas. Esta teoria é corroborada com a unidade de contexto 03U (3.5): “eu tento trabalhar mais o pensar e o olhar fotográfico” com frequência de uma (1) unidade.

Retomo a questão levantada ainda nesta unidade de contexto, sobre a prisão do processo fotográfico à tecnologia, pois observei na construção dos marcos teóricos nas entrevistas, e mesmo na minha experiência como professor da disciplina de fotografia, o quanto esta vinha sendo tratada de forma técnica em que o aprender a fazer era quase mais importante do que o pensar ou saber o porquê fazer. A disciplina de fotografia foi colocada no processo de formação de designers, por se acreditar que é um excepcional instrumento de registro, análise e exposição. Só muito depois foi vista como meio de expressão, e enfatizo o termo colocada, porque esta disciplina entrou nos currículos para preparar tecnicamente os designers para fotografar. Inicialmente a disciplina era ministrada por fotógrafos profissionais que, dentro dos cursos de design, formavam também fotógrafos. Isso pode explicar, em parte, a quantidade de estudantes de designers que se dedicaram à fotografia e passaram a praticá-la profissionalmente.

Ocorria que o objeto da disciplina de fotografia era percebido como auto-suficiente e as ligações de solidariedade com outros conteúdos de disciplinas no curso de design eram naturalmente negligenciadas. Para Morin (2001), os conceitos e as linguagens próprias de uma disciplina a isolam dos problemas que a sobrepõem e tendem a criar uma mentalidade de hiperdisciplinar.

4.5.1.2

Mudanças da relação da disciplina de fotografia nos cursos de design

Na unidade de contexto (07) da categoria Mudanças Tecnológicas, procurei saber o que pensam os professores sobre a hipótese da tecnologia digital estar provocando mudanças na relação da disciplina de fotografia com o curso de design. Entre o grupo entrevistado na PUC-Rio, obtive cinco (5) unidades de registro. Em duas unidades de registro a resposta foi direta, 07P (7.1; 7.2): “Não. Na verdade o entrosamento nunca foi o ideal” com uma frequência de cinco (5) unidades e “Sim, em vantagens” com uma frequência de duas (2) unidades, o que mostra, também, uma discordância da hipótese

proposta. Quando analisamos a unidade de registro 07P (7.1) com a maior frequência da unidade de contexto, vemos a afirmação que o relacionamento nunca foi bom e que independe das questões tecnológicas. Esta tese corrobora com a unidade de contexto 07P (7.5), na qual se observa que a integração aumentou, mas motivada pelo novo currículo e não necessariamente pela tecnologia digital: “Eu acho que a integração se deu pela estrutura do currículo novo” com frequência de duas (2) unidades.

Na unidade de registro 07P (7.4), vejo também uma discordância indireta com a tese ao afirmar: “Esta relação independe do analógico ou digital”, com uma frequência de duas (2) unidades. Registro também a unidade 07P (7.2) em que o grupo entrevistado salienta a dificuldade para disciplina de fotografia se desenvolver no primeiro ano da matriz curricular: “O ensino da fotografia necessita de outros conhecimentos, o que dificulta estar no primeiro ano” com duas unidades de frequência.

Como visto na análise da unidade de contexto anterior, a relação dos cursos de Design com a disciplina de fotografia era, de uma forma geral, capacitar os estudantes a utilizar a câmara fotográfica. Com o passar do tempo, aparecem os primeiros designers com capacidade técnica para ocupar a função de professor de fotografia, fazendo com que esta apresente uma maior preocupação com os conceitos inerentes ao Design. Com a incorporação da tecnologia digital, este processo de mudança continua, pois outras áreas de conhecimento começam a incorporar a linguagem fotográfica em seus conteúdos. Paralelo a esta incorporação, conteúdos tratados nas outras disciplinas do curso de Design como: computação gráfica, semiótica, história da arte, dentre outros, migraram para disciplina de fotografia, tornando assim as fronteiras disciplinares do curso de Design mais permeáveis.

Morin (2001) observa que traçamos sempre o caminho do complexo ao simples. Nas escolas somos ensinados a separar, dividir, dissociar, compartimentar os saberes, dividir o conhecimento em disciplinas, não obstante, o desafio da globalidade é também o desafio da complexidade. E considerando que a aptidão humana é para contextualização e integração, deveríamos ensinar a recompor, rearticular os saberes, buscar o caminho do complexo, do subjetivo e do reflexivo. Vejo, portanto, a disciplina de fotografia e o curso de Design traçando este caminho.

No grupo da Univille obtive sete (7) unidades de registro. Existem nestas unidades concordância explícita com a hipótese proposta 07U (7.1; 7.3;7.4; 7.5; 7.6; 7.7): “Sim” com frequência de cinco (5) unidades; “Cabe melhor no processo de desenvolvimento, de criação”; “O curso de design se ocupa muito de *softwares* e facilitou muito esse tipo de trabalho”; “Há uma proximidade maior entre as disciplinas”; “Facilitou a interdisciplinaridade”; “Há um ganho na qualidade dos materiais e trabalhos apresentados pelos alunos” todas com frequência de uma (1) unidade cada. Os professores viram uma maior integração do ponto de vista tecnológico, facilitando a interdisciplinaridade.

Destaco uma unidade de registro que coloca um aspecto negativo desta mudança 07U (7.2): “A praticidade faz com que o aluno não se concentre no que faz” com frequência de duas (2) unidades.

Acredito que a análise desta unidade de registro tenha sido tratada anteriormente nesta mesma unidade de contexto: os alunos estariam mais preocupados com o uso e a linguagem que com os processos de construção da imagem fotográfica, deslocando a atenção para o processo pós fotográfico. A câmara fotográfica passa por um processo tecnológico parecido com o da máquina de escrever, aliás, ambas têm muito em comum. As duas são designadas usualmente de máquinas e servem para escrever. A palavra fotografia vem do grego foto=luz e grafia=escrita, o que significa escrever com a luz. Luz também é o fundamento da máquina de escrever na era digital. As duas passaram a incorporar ou foram incorporadas por outros aparatos eletrônicos e assim se tornaram mais transparentes, menos visíveis. E com o aparecimento de *softwares* com correção ortográfica, que possibilita a fácil correção e mesmo autocorreção, a máquina datilográfica tornou desnecessário o treinamento prévio, a datilografia, e hoje, escreve-se e fotografa-se mais do que antes.

4.5.1.3

A fotografia e os softwares de tratamento de imagens

Na unidade de contexto (08) da categoria Mudanças Tecnológicas, procurei saber se a popularização dos *softwares* de tratamento e edição de imagens estaria mudando a forma de ver e realizar fotografia. Entre os professores (o grupo) entrevistados na PUC-Rio, obtive quatro (4) unidades de

registro. Em apenas uma (1) unidade de registro, 08P (8.3), com frequência de uma (1) unidade, afirmou que houve mudanças.

Nas outras unidades de registro, encontrei apenas posicionamentos sobre os *softwares* como: “a maioria dos alunos não dominam esses *softwares*” com frequência de cinco (5) unidades; “O ato fotográfico ficou banalizado” com frequência de quatro (4) unidades e “fotografar e editar são momentos distintos” com frequência de uma (1) unidade, 08P (8.1; 8.2; 8.4).

Para unidade de registro 08P (8.1): “a maioria dos alunos não dominam esses *softwares*” com frequência de cinco (5) unidades. O professor, ao afirmar que os alunos não sabem o que dizem saber sobre os *softwares* de manipulação e edição de imagens, não percebe que a bravata dos alunos pode ser um desejo ou uma necessidade impulsionada pelo meio, o que a tornaria um forte elemento pedagógico, motivador do aprendizado e indicativo da forte popularização destes *softwares*.

Para a teoria construtivista e para premissa que parte Ausubel, os *softwares* de tratamento de imagens na disciplina de fotografia podem se configurar como ganchos (subsunçores) de ancoragem de conhecimentos a serem trabalhados com os alunos, dando sustentação a uma educação significativa.

Como observei ao longo desta pesquisa, a disciplina de fotografia favorece, de forma especial, os conhecimentos socioculturais trazidos pelos alunos. No capítulo III, refleti com o Canclini (2006) sobre como é difícil, no processo atual de globalização, pensar em identidade como uma coisa única. É mais coerente agora, pensar em identidades mescladas, multiétnicas. Por isso concluo que o lugar da disciplina de fotografia é privilegiado, pois valoriza os conhecimentos trazidos pelos alunos, frutos de suas identidades. Acredito, portanto, que as mudanças tecnológicas na disciplina de fotografia têm também contribuído para a formação dos processos psicológicos superiores, tratados por Vygotsky.

Na unidade de registro (8.2): “O ato fotográfico ficou banalizado” com frequência de quatro (4) unidades. Observo que esta unidade de registro se repete, pois apareceram na unidade de contexto anterior com a mesma frequência, quatro (4) unidades. Esta incidência pode ser configurada em indício

da proliferação exponencial da imagem fotográfica, tratada no capítulo III com auxílio de autores como Zuzunegui (1995), Moles (1973), dentre outros.

O período atual tem sido muito fértil para imagem fotográfica. O aumento da produção de imagem foi incentivado pela criação de novas plataformas midiáticas, suas convergências e principalmente pela tecnologia digital, o que tem provocado mudanças na forma com que os alunos passam a lidar com a imagem e se apropriar dos conhecimentos necessários para produzi-las. Acredito que esta unidade de registro se ligue as outras que se referem à forma com que os alunos têm se relacionado com produção da imagem, que tratamos anteriormente nesta mesma unidade de contexto.

Na unidade de registro (8.4): “fotografar e editar são momentos distintos”, observo este posicionamento muito comum entre os professores com uma maior vivência na tecnologia analógica. Acredito que a diferença entre fotografar e editar ainda exista, mas me pergunto por quanto tempo perdurará, pois vejo estes dois conceitos se aproximarem e fundir-se com grande velocidade. A mudança tecnológica tem redirecionado o foco de atenção dos alunos do pré para o pós fotográfico. As unidades de registro 08U (8.1; 8.3; 8.5) corroboram com este posicionamento: “Eu vejo que há certo comodismo, pois eles veem que vão arrumar depois” com frequência de sete (7) unidades; “Sempre quando eu peço algum trabalho, a resposta é: posso usar Photoshop” com frequência de uma (1) unidade; “Não tem como melhorar, eles vão a partir do software” com frequência de uma (1) unidade.

Nas entrevistas com os professores da Univille, dentro da unidade de contexto (08U), ainda na categoria Mudanças Tecnológicas, contabilizei cinco (5) unidades de registro, dentre estas destaco a unidade de registro 08U (8.4), com apenas uma (1) unidade de frequência: “Mas quando é pra trabalho de design, geralmente eles não têm esse cuidado de fazer uma foto mais primorosa”. O professor afirma, nesta unidade, que os alunos se põem diante de uma imagem que pode ser trabalhada com os processos pós fotográficos, pois veem nesta foto, antes de qualquer outra função, a objetividade. A expressão “mais primorosa”, usada, pode significar um cuidado maior com os controles fotográficos como profundidade de campo, nitidez, foco, etc.

Estas observações me permitem inferir que os alunos se sentem seguros com a capacidade dos *softwares* em corrigir possíveis distúrbios na imagem, o

que corrobora com a observação anterior que mostra o tênue limite da fotografia e a edição de imagens. Poderia reforçar esta inferência com as já citadas unidades de registro 08U (8.1) “Eu vejo que há certo comodismo, pois eles veem que vão arrumar depois” com frequência de sete (7) unidades; a unidade de registro 08U (8.2) “Quando a foto é mais autoral, eles não querem usar os *softwares* de tratamento de imagens” com quatro (4) unidades de registro; a unidade de registro 08U (8.3) “Sempre quando eu peço algum trabalho, a resposta é: posso usar Photoshop” com frequência de uma (1) unidade e, por fim, a unidade de registro 08U (8.5) “Não tem como melhorar, eles vão a partir do *software*”, com frequência de uma (1) unidade que registra a percepção do professor sobre a importância dos *softwares* de tratamento e edição de imagens no processo fotográfico digital.

4.5.2

Convergência (CV)

Como dissertado no capítulo III, posiciono-me ao lado de Jenkins (2008) ao afirmar que qualquer meio, que atenda a uma exigência humana fundamental, continuará coexistindo com meios emergentes, assim nos ensina a história. A imagem fotográfica desde o momento da sua primeira gravação tornou-se um meio e a partir daí foram criadas várias formas de acessá-la, em aperfeiçoamento contínuo. Agora a mudança tecnológica traz mais uma vez algo novo, provocando um aumento significativo dos fluxos de conteúdos. Os equipamentos eletrônicos absorvem novas funções, se potencializam e facilitam estes fluxos, transformando as relações tecnológicas e econômicas, impulsionando exponencialmente, não só a venda e a utilização destes equipamentos, mas também estimulando novas relações sociais e culturais.

Acredito que a convergência tem aumentado o potencial da linguagem fotográfica como instrumento de comunicação, ensino e aprendizagem, pois vejo nela a convivência dos meios gerando novas possibilidades e hibridações.

Este novo momento de fluxos midiáticos converge para o que autores como Lipovetsky e Serroy (2009) acreditam ser a era do hiper na modernidade, em que tudo é potencializado: a convivência por meio das megalópoles, os

ciberespaços, a digitalização, os fluxos financeiros e as redes multidirecionais. Do ponto de vista da imagem, esta também é potencializada e penetra todos os espaços, fazendo com que o mundo pareça se desenrolar diante das lentes que registram as mais diversas perspectivas, pontos de vista e ângulos de observação. Que efeito este mundo da convergência tem causado na prática do ensino da fotografia?

Esta categoria foi criada para refletir sobre estas questões e buscar inferir, com base nos posicionamentos dos professores, sobre a influência do aumento do fluxo de informações nos ambientes de ensino da disciplina de fotografia. Nesta categoria, formulamos três (3) hipóteses:

a) a câmara incorporada a outras mídias pode estar causando mudanças no aprendizado;

b) O uso dos meios de comunicação atual e a convergência tecnológica podem estar facilitando o ensino da fotografia;

c) A câmara fotográfica do celular pode estar configurando-se como um conteúdo programático, tanto na perspectiva teórica quanto prática, nos cursos de Design.

Para atingir este objetivo de verificar e inferir sobre estas hipóteses, realizei quatro (4) perguntas:

a) Os meios de comunicação atuais (internet, televisão, revistas, etc) e a convergência tecnológica têm facilitado ou dificultado o ensino da fotografia?

b) O uso da câmara fotográfica do celular se configura como um conteúdo programático, tanto na perspectiva teórica quanto prática?

c) Você usa a internet em sala de aula para o desenvolvimento dos trabalhos?

Na unidade de contexto (06) da categoria Convergência, procurei saber o que pensam os professores da PUC-Rio e da Univille sobre a hipótese: A câmara incorporada a outras mídias pode estar causando mudanças no aprendizado da fotografia. Entre o grupo entrevistado na PUC-Rio, obtive quinze (15) unidades de registro. Respondendo diretamente a pergunta, obtive duas unidades de registro, uma que admite perceber as mudanças 06P (6.4) com

duas (2) unidades de frequência e a segunda que afirma diretamente que não percebe 06P (6.5), com frequência de uma (1) unidade.

As outras unidades de registro se resumiram a validar o uso destas câmaras, que aproveito para registrar, pois acredito que venham a contribuir com o quadro geral da análise. Não encontrei, neste grupo, manifestações favoráveis ao uso destas câmaras. Registrei apenas dois reconhecimentos de valor, mas limitado à portabilidade, foram eles: 06P (6.15) com frequência de uma (1) unidade: “O acesso facilitado (da câmara do celular) permite o registro do momento” e 06P (6.9): “A câmara do celular é para você ter o tempo todo” com frequência de uma (1) unidade.

Não encontrei nenhuma posição assumidamente contrária, mas que se mostram contrárias: “eu não proíbo”; “não faço discurso contra”; “...eu mostro as desvantagens”; “A câmera do celular não substitui a câmera digital que tem mais recursos, que tem vantagens”; “Eu não valorizo a câmara do celular”; todas com uma (1) unidade de frequência cada uma; “O que todo mundo tem, é uma digital compacta” e por fim “Eu não incentivo” com duas (2) unidades de frequência cada uma. 06P (6.2; 6.3; 6.6; 6.7; 6.8; 6.10; 6.11).

Observei também nesta unidade de contexto uma insatisfação com a estrutura disponibilizada pela universidade para a disciplina de fotografia: 06P (6.12) “ ... sempre um número inferior de câmeras comparado aos alunos” com frequência de uma (1) unidade. Destaco, também, a unidade de registro que mostra o posicionamento favorável ao número inferior de câmaras fotográficas, 06P (6.13; 6.14) todos com frequência de uma (1) unidade: “...podem dividir o equipamento”; “Tem um lado até saudável nisso que é um observar o do outro e gera-se um diálogo”.

Com o grupo entrevistado na Univille, obtive cinco (5) unidades de registro, sendo duas (2) delas concordando com a hipótese, mas tratando apenas de aspectos estéticos, são elas: “Segurar longe, virado pro rosto, esse auto fotografar, agente vê que eles tentam reproduzir isto com a câmera fotográfica”; “Você vê a influencia da estética do celular sendo reproduzida na sala de aula” as duas (2) com uma (1) unidades de frequência cada.

Registrei três (3) unidades com posicionamentos que levantam os pontos negativos desta influência, são elas: “As fotografias são muito parecidas” com frequência de cinco (5) unidades; “A praticidade faz com que o aluno não se

concentre no que faz” com frequência de duas (2) unidades; “Se forem utilizados com bom senso, os equipamentos sempre serão bem-vindos, mas em sua grande maioria, há abuso” com frequência de uma (1) unidade.

Concluo com a percepção de que o grupo entrevistado da PUC- Rio se coloca de forma contrária, mesmo que de forma contraditória, à hipótese proposta. O grupo entrevistado da Univille se põe favorável à hipótese, mas infelizmente ambos não aprofundaram a questão, talvez por problema de condução da entrevista, poderia ter insistido em conduzi-los ao centro do questionamento.

4.5.2.1

O conteúdo programático e a câmara fotográfica no celular

Na primeira unidade de contexto da categoria Convergência, procurei saber se a câmara fotográfica do celular configurava-se como um conteúdo programático na perspectiva teórica ou prática, nos cursos de design. Na PUC-Rio, obtive sete (7) unidades de registro, todas elas rejeitando a utilização da câmara fotográfica do celular como partícipe do conteúdo programático, tanto do ponto de vista teórico, como prático, 09P (9.1; 9.2; 9.3; 9.4; 9.5; 9.6; 9.7): “Não uso” com duas (2) unidades de frequência; “Eu não vejo sentido algum em gastar tempo com o celular” também com duas unidades de frequência e as seguintes com uma (1) unidade de frequência cada uma; “Todas as funções que você tem no celular pra tirar foto estão presentes em uma câmera compacta”; “Porque o celular não trouxe nada de novo para a fotografia”; “O celular é um telefone que incorporou a câmera”; “Eles não conseguem ser a câmera”; “Eu acho que o curso tem que ser centrado na compacta”.

Com o grupo entrevistado da Univille, obtive uma visão um pouco diferente, apresentando quatro (4) unidades de registro com frequência de uma (1) unidade para cada uma delas, 09U (9.1; 9.2; 9.3; 9.4): “Ele não é abordado como um tipo de câmera a ser utilizada”; “Os conhecimentos que são trabalhados na parte de linguagem fotográfica se aplicam a qualquer tipo de câmera”; “Em algumas atividades práticas, ele é utilizado”; “Não utilizei a câmera fotográfica de celular em aulas”. Observa-se que em um registro de unidade existe uma concordância direta ao afirmar que utiliza a câmara do celular em atividades práticas 09U (9.3), e outra indireta ao reconhecer que os

conhecimentos da linguagem fotográfica se aplicam também à câmara do celular 09 (9.2). Nas demais unidades de registro, não houve por parte dos professores uma rejeição da hipótese, o que me permite inferir que a câmara do celular é mais um aparato a disposição dos professores de fotografia.

Como visto nos capítulos anteriores, este aparato desempenha um papel cada vez mais relevante na comunicação entre os nossos alunos. Não é raro vê-los absortos com estes aparelhos na mão, em uma atitude que Jenkins (2008, p.27) chama de “tele-reclusão”. Somos obrigados a ponderar que independente da qualidade da câmara embutida no celular, ou da relevância do que se produz com ela, chama atenção a quantidade de conteúdos produzidos. Este aparato criou novos espaços de encontro, expressão, divulgação e consumo, que são ocupados diariamente com voracidade.

Para Levy (1996), dispositivos informacionais como os celulares, interconectados, criam ambientes onde todos são potencialmente emissores e receptores e os encontros se dão pelo centro de interesse e não mais pela posição geográfica; criam espaços de construção sociocultural que influenciam o tecido cognitivo.

Vejo o celular como um aparato inteiramente ligado ao contexto sociocultural dos alunos e da mesma forma, deliberadamente, ligado à educação paralela ou informal, pois, além de permitir a troca e o acesso a muitas bases informacionais, permite também, trabalhar colaborativamente e superar limitações de tempo e espaço. O celular representa para o usuário, portanto, a possibilidade guardada no bolso e ao alcance dos dedos para acessar e ser acessado, receber e transmitir, é um meio de socialização e expressão.

Para o professor pode representar uma oportunidade de criar afinidade com o aluno, pois usar este aparato como estratégia de ensino pode significar a valorização das práticas cotidianas dos alunos e seus saberes, tirando partido, ao mesmo tempo, das potencialidades técnicas e expressivas de um instrumento tecnológico sofisticado. Para a teoria da aprendizagem significativa, isso significa trabalhar com conceitos relevantes disponíveis na estrutura cognitiva dos alunos, criando condições de ancoragem privilegiada para novos conceitos.

A utilização do celular no processo de ensino da fotografia independe de sua qualidade, pois cada meio é indicado para um tipo de conteúdo, assim o celular pode ser indicado para um tipo de estratégia de ensino e um conteúdo

didático específico. Acredito que quanto maior o número de meios envolvidos no processo de ensino-aprendizagem melhor, pois, se um dos papéis do professor é descobrir o sujeito discursivo, é necessário conhecermos muito bem a realidade em que vivemos e dar condições ao aluno de construir seu discurso por meio da linguagem usada em seu contexto. (sua realidade), a qual sem dúvida está apoiada nas linguagens da comunicação contemporânea.

4.5.2.2

O ensino da fotografia e a convergência tecnológica

Na segunda unidade de contexto, procurei saber dos grupos pesquisados se o uso dos meios de comunicação atuais e a convergência tecnológica estão facilitando o ensino da fotografia no contexto da PUC-RIO e Univille. Com o grupo da PUC-Rio, individualizei oito (8) unidades de registro das quais quatro (4) estavam em concordância com a hipótese proposta, 05P (5.1; 5.2; 5.3; 5.4): “Tem facilitado” com uma frequência de dez (10) unidades; “Não uso a internet por não estar disponível em sala de aula” com seis (6) unidades de frequência; “Na televisão, o aluno acha coisas que normalmente não procura na internet...então, atrapalhar, honestamente, eu acho que não” com a frequência de três (3) unidades; “Hoje, para os alunos, a internet atesta o conhecimento” com frequência de três (3) unidades.

Posso inferir que, de uma forma geral, os professores entrevistados da PUC-Rio concordam com a hipótese proposta. Destaco também uma (1) unidade de registro contrária: “A televisão aberta não ajuda, talvez porque banalize a imagem, não sei, não sei” com frequência de uma (1) unidade 05P (5.5). O professor se ateve apenas a análise de um aparato: a televisão.

Três (3) registros, 05P (5.6; 5.7; 5.8), não tiveram um posicionamento, nem a favor e nem contrário: “Acho que televisão é uma rádio ilustrada, né? Então eu não sei” com frequência de uma (1) unidade; “Com essa evolução tão rápida, com essas trocas de processos e tecnologias, isso eu acho perigoso” com frequência de uma (1) unidade; “O grande problema é a preservação” com frequência de uma (1) unidade.

Aproveito para destacar a unidade de registro 05P (5.2): “Não uso a internet por não estar disponível em sala de aula” com frequência de seis (6)

unidades. Esta unidade de registro foi incluída como favorável à hipótese proposta, pois permite inferir que existe uma vontade significativa da utilização da rede na prática do ensino da fotografia, afinal de contas esta unidade de registro aparece com uma frequência alta em relação as demais. Retomo nesta unidade de registro a questão da infra-estrutura levantada na categoria Mudanças Tecnológicas, reforçada por outra unidade de registro 05P (5.4) com frequência de três (3) unidades: “Hoje, para os alunos, a internet atesta o conhecimento”. Durante a entrevista, o professor coloca que os alunos estão tão habituados a buscar na internet a informação que, quando não encontram, parece não existir. O que vai ao encontro do que afirma Lipovestsky e Serroy (2009, p.297) “um dia, talvez, o que não estiver disponível na tela não terá mais interesse nem existência para todo o um conjunto de indivíduos: quase tudo se buscará na tela e remeterá a ela.”

O grupo de entrevistados da Univille gerou quatro (4) unidades de registro todas favoráveis à hipótese proposta 05U (5.1; 5.2; 5.3; 5.4): “Acredito que tem facilitado” com frequência de quatro (4) unidades; “Acho que o aluno consegue obter conhecimento muito mais rápido, não dependendo tanto da gente, ele quer, ele busca, ele tem acesso” também com frequência de quatro (4) unidades; “Eu uso a internet para mostrar trabalhos, para enviar e postar trabalhos, bem como receber” com frequência de duas (2) unidades e por fim “Eu uso bastante a internet” com frequência de uma (1) unidade. Neste contexto posso inferir que a disponibilização da tecnologia em sala de aula é um fator que contribui com a inserção do professor em um mundo que se torna corriqueiro entre os alunos. Acredito que o fato dos professores da Univille apresentarem uma menor vivência com a tecnologia analógica, influiu, também, e não só, na análise da hipótese de que os meios de comunicação e a convergência tecnológica podem estar facilitando o ensino da fotografia.

Estas posições reforçam o argumento de que a cultura digital possibilita um aprendizado mais democrático e interativo, com criação de novos espaços midiáticos apoiados em uma maior produção cultural.

A internet é atualmente um ambiente virtual que tem se mostrado como lugar de conflito e construções sociais, comparado a ambientes físicos de socialização, relações e redes de relacionamentos. Muitos teóricos como Canclini (2006), Contreras (2008) dentre outros, têm alertado que o acesso tem provocado a ‘brecha digital’, ou seja, a divisão entre os incluídos dos excluídos.

A internet é um instrumento que tem potencializado as relações humanas, sejam elas econômicas, de entretenimento ou de estudo. Em determinadas comunidades tem se tornado fio condutor, até mesmo para relações sociais. A ampliação exponencial do ambiente virtual tem provocado o alargamento proporcional da brecha. Nesta altura seria mais justo a expressão 'brechas', pois esta se apresenta, não só relacionada ao o acesso, mas ao tipo de acesso.

O ambiente de informação e de potencial conhecimento criado pela internet tem sido alimentado pelas áreas metropolitanas das cidades mais ricas e irradiado para as outras. Como todo ambiente de socialização, é enriquecedor quando existe a participação, o encontro e o desencontro, porém um tipo de acesso cresce junto com a internet, a participação *voyeur* do usuário debruçado na janela do computador; o usuário que vê na internet um espaço para retirar, olhar e comparar e não um espaço para possuir, ocupar e vivenciar. Acredito, sem dúvidas, que a internet e a convergência, por facilitarem o fluxo de informações, potencializam o uso da linguagem humana e a socialização, mas é preciso incentivar a presença participativa, o envolvimento ativo e reflexivo.

4.5.3 Conteúdo Programático (CP)

Retorno aqui as questões da linguagem fotográfica trilhadas no capítulo II, quando apoiado em Maturana e Varela (1995) reconheci que no mundo das linguagens somos um contínuo existir e, portanto, desenvolvê-la é ao mesmo tempo nos desenvolvermos. Acredito que a fotografia é um instrumento de persuasão, fruto de uma estratégia significativa e que o desenvolvimento tecnológico de múltiplas plataformas midiáticas aumentou o seu potencial. O fluxo de informações não pára de crescer, a qualidade técnica também não, colocando a representação cada vez mais próxima do representado.

O designer tem na imagem fotográfica sua ferramenta de trabalho, seja pesquisando, lendo ou como forma de expressão. Pensar o ensino hoje, sem o auxílio das imagens fotográficas e suas convergências com outras linguagens, tornam-se difícil. Tenho como hipóteses centrais, como citado no capítulo I, que as transformações tecnológicas ocorridas nos últimos anos, com a passagem do analógico ao digital, podem ter afetado profundamente a disciplina de fotografia,

principal responsável pelo ensino da linguagem fotográfica nos cursos de Design, e estar interferindo nos processos de aprendizagem e na relação desta disciplina com o curso de Design.

Acredito que a tecnologia digital criou mais espaço e tempo na disciplina de fotografia para afrontar as questões de linguagem, que se mantinham quase que escondidas ou mesmo bloqueadas pelas questões técnicas. A praticidade é uma característica dos aparatos tecnológicos que usam a tecnologia digital. Os nossos conteúdos programáticos estão em sintonia com estas novas realidades? Os processos de aprendizagem desenvolvidos pelos alunos também pode ter mudado. Como visto anteriormente em várias passagens, aprendizagem é algo extremamente sensível ao ambiente externo.

Na categoria Conteúdo Programático, busquei registrar as opiniões dos professores sobre os conteúdos programáticos, bibliografia e avaliação da disciplina de fotografia por eles ministrada no intuito de perceber as mudanças que o ambiente de ensino e aprendizagem podem estar sofrendo com as mudanças tecnológicas. Para tanto realizei cinco (5) perguntas:

- a) Qual o conteúdo programático de sua disciplina?
- b) O que você pensa sobre esses conteúdos?
- c) Os conteúdos da disciplina, na sua análise, são mais abordados do ponto de vista da prática fotográfica ou da teoria da linguagem fotográfica?
- d) Quais as suas impressões sobre a bibliografia indicada no programa da disciplina por você lecionadas?
- e) Como é realizada a avaliação dos alunos na disciplina de fotografia?

Estas perguntas geraram três (3) unidades de contexto:

- 1) O que os professores pensam sobre os conteúdos programáticos ministrados nas disciplinas de fotografia.
- 2) O que os professores pensam sobre a bibliografia indicada no programa das disciplinas de fotografia por eles selecionadas.
- 3) Como os professores realizam as avaliações dos alunos na disciplina de fotografia.

4.5.3.1 Os conteúdos ministrados nas disciplinas de fotografia

Na primeira unidade de contexto da categoria Conteúdo Programático procurei saber o que os professores pensam sobre estes conteúdos ministrados nas disciplinas de fotografia. Para o grupo de entrevistados na PUC-Rio, individualizei quatorze (14) unidades de registro e para o grupo da Univille, seis (6) unidades. Para o grupo da PUC- Rio este assunto foi tratado de forma mais extensa por parte dos professores, como mostra a própria diferença de unidades de registro Univille/ PUC-Rio. Nesta amostragem, voltaram a aparecer na visão dos professores, os problemas com a falta de estrutura em uma frequência de seis (6) unidades 01P (1.5).

Os professores, embora indagados sobre o que pensam dos conteúdos e quais os conteúdos, falaram mais sobre os problemas de ministrar os conteúdos, como visto em todas as unidades de registro. Constatei, com as unidades de registro 01P (1.3; 1.2), que, na disciplina de fotografia da PUC-Rio, se trabalha mais as questões ligadas à linguagem fotográfica que a prática fotográfica. Obtive apenas uma (1) unidade de registro que posiciona a disciplina como teórica-prática.

Outra unidade de registro que chama a atenção, pois aparece tanto no grupo entrevistado da PUC-Rio quanto nas da Univille é: “A carga horária é insuficiente”, com uma frequência bastante alta, se comparada com as outras unidades de registro da mesma unidade de contexto, onze (11) unidades 01P (1.1), além de corroborar com o da unidade de registro 01P (1.8 e 1.13): “isso tudo é um desafio” com uma frequência de (4) unidades e “Não tem eletiva para dar possibilidade de complemento de conteúdo” com frequência de uma (1) unidade.

Observei que, ao longo da história dos cursos analisados, o tempo dedicado à disciplina de fotografia nas matrizes curriculares destes cursos diminuiu. No caso da Univille, onde a matriz curricular se desenvolve em regime anual, a disciplina de fotografia até 2008, era ministrada em dois anos com quatro (4) aulas semanais. Atualmente a disciplina de fotografia é ministrada na metade desta carga horária. A redução da carga horária coincide com o avanço das mudanças tecnológicas, que provocou uma compressão do tempo e dos processos fotográficos, suprimindo o laborioso processo de revelação e cópia,

eliminando as películas, etc. Com a compressão do tempo e dos processos, a técnica foi reduzida ao mínimo, o aprendizado dos controles das câmaras, como profundidade de campo, abertura, velocidade, foco, etc, foi facilitado e a produção fotográfica expandida.

Hoje novos conhecimentos são adicionados pela tecnologia digital, fazendo com que os professores revejam suas posições com relação à carga horária (de redução do tempo) da disciplina. Em posição oposta, muitos professores em um momento de transição e com uma forte carga de conhecimento da tecnologia analógica, tentaram, de forma consciente ou inconsciente, (trabalhar) somar os conhecimentos que já eram estudados na tecnologia analógica com os conhecimentos da tecnologia digital. Tudo isso no tempo disponibilizado para o desenvolvimento da disciplina de fotografia.

A compressão sofrida pelas disciplinas de fotografia abriu espaço em seus conteúdos programáticos para tratar a linguagem fotográfica de forma mais explícita, é o caso da “nova” disciplina de fotografia da matriz curricular da PUC-Rio, A Imagem Fotográfica, que já traz no seu nome uma mudança de enfoque. A crítica dos professores entrevistados está no limite das perdas e ganhos. A unidade de registro que traz esta questão de forma direta é a 01P (1.9): “Os atuais conteúdos estão mais focados na linguagem fotográfica” com uma frequência de duas (2) unidades.

Outras unidades de registro que trazem os problemas vistos pelo grupo de professores entrevistados na PUC-Rio são: 01P (1.2; 1.3; 1.7; 1.11): “O estudo da linguagem deve vir depois do aparato fotográfico” com frequência de onze (11) unidades; é uma frequência bastante alta e reafirma que a ligação entre fotografia e tecnologia é estreita. Até bem pouco tempo, o professor de fotografia que apenas usava a tecnologia analógica tinha consciência de que a fotografia era uma loteria para quem desconhecia a fundo o aparato fotográfico. “Aprende-se mais a linguagem fotográfica em detrimento da técnica” com frequência de sete (7) unidades; “O conteúdo no primeiro período é muito cedo, falta conteúdo prévio” com uma frequência de quatro (4) unidades;

Agrupei as unidades de registro que estão ligadas às críticas dos professores, em relação ao direcionamento dado à disciplina de fotografia dentro do curso Design 01P (1.2; 1.3; 1.6; 1.9; 1.11; 1.12; 1.4): “O estudo da linguagem deve vir depois do aparato fotográfico” com frequência de onze (11) unidades;

“Aprende-se mais a linguagem fotográfica em detrimento da técnica” com frequência de sete (7) unidades; “A fotografia não mudou” com frequência de quatro (4) unidades; “Os atuais conteúdos estão mais focados na linguagem fotográfica” com frequência de duas (2) unidades; “O nome da disciplina não se adequa ao conteúdo programático” com frequência de uma (1) unidade; “O mesmo conteúdo para várias habilitações” com frequência de uma (1) unidade; “Não se pode separar teoria e prática fotográfica” com frequência de uma (1) unidade.

O levantamento com o grupo selecionado na Univille gerou seis unidades de registro, sendo a de maior frequência as que tratam da insuficiência de carga horária: 05U (1.1; 1.2) “A carga horária é insuficiente” com frequência de três (3) unidades e “Conteúdo extenso e por consequência superficial” com duas unidades de frequência. Infiro que os motivos do posicionamento dos professores entrevistados para com os conteúdos programáticos de suas disciplinas são os mesmos relatados anteriormente na análise do grupo selecionado na PUC-Rio, ou seja, efeito das mudanças tecnológicas ocorridas na fotografia. Acrescento a este grupo a unidade 05U (1.3): “É o básico para o aluno”, que apesar de menor frequência, uma (1) unidade, corrobora com o posicionamento do grupo anterior.

A unidade de registro 01U (1.4): “Se o aluno se interessar por um conteúdo específico, ele aprofunda em outro momento” com frequência de uma (1) unidade. Esta unidade de registro poderia também ser incluída no grupo anterior, ou seja, que questiona a carga horária do curso, porém traz um elemento novo que é um posicionamento que tenta justificar a pequena carga horária com a possibilidade do aluno buscar o conhecimento complementar que ele achar necessário. Solução criticada por Lifschitis (PUC- Rio, 1998) que vê neste posicionamento uma atitude ingênua e infundada, já que a instituição de ensino não garante esta possibilidade ao aluno, restando a esse obter êxito de forma independente e individual.

Dentre as perguntas realizadas para saber o que os professores pensam sobre os conteúdos das disciplinas de fotografia, uma indagava se o professor considerava o seu conteúdo mais voltado à prática ou à teoria da fotografia. Na PUC-Rio, registrei apenas uma unidade, 01P (1.10): “A universidade nos deixa livre para dar um enfoque teórico ou prático à disciplina” com duas (2) unidades de frequência. Na Univille, encontramos os professores divididos quanto ao

posicionamento: “Ele é muito mais focado na prática do que na teoria”; “Conseguo equilibrar teoria e prática” ambos com frequência de uma (1) unidade cada um.

Sem dúvida, as atividades práticas e teóricas na fotografia são fundamentais para a formação do aluno. Acredito que a educação perceptiva, por meio da câmara fotográfica, também passe pelo fazer, pois o aprendizado nos impõe a entender e saber usar a tecnologia. O ‘fazer’ foi beneficiado com a tecnologia digital e, a partir desta, os alunos passaram a produzir mais imagens. Os processos fotográficos foram simplificados com a tecnologia digital. Os professores têm razão quando afirmaram em outras unidades de contexto que o fazer é diferente. É diferente porque os meios são diferentes, o contexto sociocultural mudou, mas as mudanças não tornaram o fazer menos importante. Concordo com Dewey (2004) quando afirma que aprendemos o que fazemos.

4.5.3.2

A bibliografia indicada no programa das disciplinas de fotografia

Na segunda unidade de contexto da categoria Conteúdo Programático, procurei saber o que os professores pensam sobre a bibliografia indicada no programa das disciplinas de fotografia por ele selecionadas. Obtive cinco (5) unidades de registro para PUC-Rio e cinco (5) unidades para Univille.

Na PUC-Rio, a unidade com maior frequência foi a 02P (2.1): “Liberdade para propor a bibliografia” com frequência de quatro (4) unidades. As demais unidades apresentaram uma frequência igual de uma (1) unidade cada uma. Destaco, contudo, a unidade 02P (2.5): “A bibliografia básica fica quase que restrita ao aspecto técnico”. Observei que o número de livros voltados à técnica fotográfica sempre ocupou a maior parte das estantes dedicadas ao assunto, embora deva registrar que houve um acréscimo nos últimos anos de livros voltados à linguagem fotográfica, embora ainda seja uma relação desequilibrada.

As outras unidades de registro são: “Eu não participei da construção”; “Livros de fotografia sempre foram muito caro”; “Co-relaciona livros similares” 02P (2.2; 2.3; 2.4) como dito anteriormente, todas com uma (1) unidade de registro.

Para Univille a unidade de maior registro foi: “Estão desatualizadas” 02U (2.1) com duas unidades de frequências. Destaco a unidade de registro 02U

(2.4): “A bibliografia fica muito no básico e em questões técnicas” com frequência de uma (1) unidade e a 02U (2.5): “Faltam obras sobre a cultura imagética”, pois se refere à mesma questão destacada anteriormente, pelo grupo entrevistado na PUC-Rio.

As demais unidades de registro são: 02U (2.2; 2.3): “As bibliografias são muito amplas”; “Faltam bibliografias mais específicas para cada habilitação” ambas com frequência de uma (1) unidade.

Concluo que o grupo de professores entrevistados da Univille encontra-se inteiramente descontente com a bibliografia básica da disciplina, seja por não estar atualizada, por não ser específica para cada habilitação ou por ser muito na área técnica da fotografia. Os problemas com as bibliografias são específicos de cada instituição, pois, com exceção da bibliografia muito voltada para o prático, não houve coincidências de observações.

4.5.3.3 As avaliações na disciplina de fotografia

Na terceira unidade de contexto da categoria Conteúdo Programático, procuramos saber como os professores realizam as avaliações dos alunos na disciplina de fotografia. Na PUC-Rio, contabilizei cinco (5) unidades de registro, todas com frequência de uma (1) unidade: “Na minha disciplina, toda a avaliação é baseada em exercícios práticos e a nota tem um dado subjetivo”; “Eu tento avaliar ao máximo baseado em preceitos técnicos”; “É uma disciplina acessória, secundária, embora muito importante, se o cara fez tudo direito, participou das aulas, aprendeu, fez os exercícios, mas não revelou talento. Fez fotos talvez medíocres. Não é por isso que eu vou ferrar o cara”; “Eu foco muito no processo”; “Eles são livres pra apresentar da forma que eles quiserem o ensaio fotográfico. Os exercícios técnicos, não. No exercício técnico, a entrega é analógica, impressão com paspatur, folha de contato com os fotogramas selecionados, que atendem ao exercício, devidamente marcados.” 13U (13.1; 13.2; 13.3; 13.4; 13.5)

Observo que, com exceção da unidade de registro 13U (13.4), os professores realizam suas avaliações no campo prático. Retorno à questão da bibliografia voltada à técnica fotográfica e infiro que o conteúdo programático

também pode estar mais voltado à prática fotográfica. O fenômeno se repete na análise com o grupo entrevistado da Univille.

Na Univille, individualizei seis (6) unidades de registro, todas com apenas uma (1) unidade de frequência: “A avaliação é feita de forma prática, quando ele tá relacionado a conteúdos que são práticos, né? Então, exercícios individuais ou muitas vezes em grupos”; “Quando o conteúdo é teórico, aí a avaliação é feita de forma teórica, em forma de avaliação bimestral, escrita ou com pesquisas”; “Através de trabalhos práticos e projetos”; “Em poucos casos são realizados provas teóricas”; “Nas fotos analisa-se a técnica, a plasticidade, o enquadramento, a composição, o olhar, enfim”; “Há também o interesse em estimular o envolvimento dos alunos através de trabalhos extras que motivem sua participação, os quais não prejudicam na nota se ele não realiza, mas irá contribuir na média final se a atividade for executada e entregue” 13U (13.1; 13.2; 13.3; 13.4; 13.5; 13.6)

4.5.4 Formação do Designer (FD)

Forty (2007) analisa o Design sobre a perspectiva de processo social, uma atividade projetual que faz parte do cotidiano. O que permite inferir que, sob esta ótica, a formação do design se dá, principalmente, no entendimento e no estudo deste cotidiano.

A disciplina de fotografia está integrada a esta perspectiva, por se tratar de linguagem e conseqüentemente de construção coletiva. Para Pierre Levy (1996), não se pode deduzir os caminhos futuros da cultura, nem das produções do pensamento coletivo a partir das novas possibilidades oferecidas pelas técnicas de comunicação de suporte informático, mas estes se constituem como terrenos políticos, lugares de conflito e construções sociais que influenciam na megarede cognitiva. A motivação pela fotografia é um estímulo para a aprendizagem.

Parece indiscutível a crescente presença da imagem fotográfica na comunicação desenvolvida pelas novas mídias. A Internet, aliada aos mais variados aparatos tecnológicos, permite acesso a um número, não menos crescente, de bancos de imagens e *live cams*, dando vazão a um fluxo de comunicação carregado de imagens.

A influência exercida pelas mudanças tecnológicas em um contexto de convergência na disciplina de fotografia pode estar influenciando também a sua relação com a formação do design. A tecnologia neste campo (na fotografia) tem influenciado na educação pela fotografia, mostrando constantemente a necessidade de novas estratégias de utilização destes meios. Os futuros designers necessitam ter clara consciência de que a linguagem fotográfica é uma forma de vivenciar o mundo, aprender e se expressar.

A categoria Formação do Design foi criada no intuito de refletir sobre o posicionamento dos professores sobre as influências e contribuições da disciplina de fotografia no processo de formação do designer. Esta categoria possui duas (2) unidades de contexto, cinco (5) unidades de registro e onze (11) unidades de frequência para o grupo entrevistado na PUC-Rio, e quatro (4) unidades de registro e seis (6) unidades de frequência para o grupo entrevistado na Univille.

Formulei duas (2) hipóteses nesta categoria:

- a) O ensino da linguagem fotográfica amplia a visão de mundo dos alunos, os tornam mais críticos e os prepara para novas formas de comunicação;
- b) A disciplina de fotografia contribui para a formação do designer.

Para atingir o objetivo de verificar e inferir sobre estas hipóteses, realizei quatro (4) perguntas:

- 1) Em sua opinião, o ensino da linguagem fotográfica amplia a visão de mundo dos alunos e os tornam mais críticos?
- 2) O ensino da linguagem fotográfica prepara o estudante para a vivência de novas formas de comunicação?
- 3) No seu ponto de vista, no que a disciplina de fotografia contribui para a formação do designer?
- 4) De que maneira?

4.5.4.1

O ensino da linguagem fotográfica amplia a visão de mundo dos alunos

Na primeira unidade de contexto da categoria Formação do Design, procurei saber o que os professores pensam sobre a hipótese: o ensino da linguagem fotográfica amplia a visão de mundo dos alunos, tornando-os mais críticos e preparando-os para novas formas de comunicação. Na PUC-Rio, obtive cinco (5) unidades de registro, todas elas concordando totalmente com a hipótese apresentada: “Sem dúvida” com uma frequência de cinco (5) unidades; “Me esforço para isso” com frequência de duas (2) unidades; “Ensino da fotografia é um instrumento poderosíssimo” com frequência de duas (2) unidades; “Olhar pra imagem e saber ler a imagem, entender, colocá-la em um contexto” com frequência de uma (1) unidade e por fim “Amplia o próprio horizonte até geograficamente” com frequência de uma (1) unidade 10P (10.1; 10.2; 10.3; 10.4; 10.5) . Observo que não existem dúvidas sobre o poder e a contribuição da disciplina de fotografia na ampliação de mundo dos alunos, e que isso os torna mais críticos. Infelizmente não explorei muito, durante as entrevistas, a questão das novas formas de comunicação.

Com o grupo entrevistado na Univille, obtive quatro (4) unidades de registro, todas concordando plenamente com a hipótese, o ensino da linguagem fotográfica amplia a visão de mundo dos alunos, tornando-os mais críticos e preparando-os para novas formas de comunicação. Foram elas: “Eu acho que sim, com certeza” com frequência de duas (2) unidades; “Os alunos que se identificam com a fotografia se envolvem muito mais” com duas (2) unidades; “Os alunos procuram algo diferente, uma identidade na fotografia” com uma (1) unidade e por fim “Na linguagem fotográfica você consegue perceber coisas do mundo, o universo circundante” também com uma (1) unidade. Observei, tanto nos depoimentos do grupo entrevistado na Univille como no grupo da PUC- Rio, a empolgação e a certeza desta nobre ação desempenhada pela disciplina de fotografia junto aos alunos. Com o grupo da Univille, também senti a falta do aprofundamento da capacidade de preparação da disciplina de fotografia para novas formas de comunicação.

Na teoria de Vygotsky, o ser humano é um sujeito ativo que atua sobre os estímulos do meio em que vive, modificando-os com instrumentos mediadores. A linguagem fotográfica é um poderoso instrumento de mediação. Na medida em

que é usado, o ser humano modifica e é modificado. Este instrumento aliado à aprendizagem de signos desempenha um papel fundamental na formação do designer e no desenvolvimento pessoal do aluno. É um terreno pedagógico fértil para o ensino e aprendizagem, que objetiva ampliar o horizonte perceptivo e a sensibilização para outras formas de expressão.

4.5.4.2

A disciplina de fotografia na formação do designer

Na segunda unidade de contexto, procurei saber se os professores concordam com a hipótese: a disciplina de fotografia contribui para a formação do designer. Na PUC-Rio, obtive seis (6) unidades de registro, todas concordando totalmente com a hipótese apresentada: “O ensino da fotografia é essencial no curso de design” com frequência de quatro (4) unidades; “A fotografia é um instrumento de trabalho para o designer” com frequência de três (3) unidades; “É importante para dialogar com o fotógrafo ou profissionais da produção da imagem” também com frequência de três (3) unidades; “É importante pelas relações estéticas e pessoais com o sujeito” com frequência de uma (1) unidade; “A prática fotográfica traz vivência ao aluno” com frequência de uma (1) unidade e por fim “Possibilita uma leitura e vivência de mundo” também com frequência de uma (1) unidade.

O posicionamento dos professores a esta hipótese deu mais ênfase ao campo profissional do design, pois vêem a fotografia como um instrumento de trabalho, um elemento fundamental na sua formação, elemento de expressão e documentação. Consideram a disciplina de fotografia como essencial por ensinar a editar, ler e dialogar com outros profissionais da imagem. Este posicionamento foi abordado da mesma forma pelos professores entrevistados na Univille, porém focaram mais os aspectos ligados ao crescimento pessoal dos alunos, trazendo posicionamentos que reforçam, também, a questão anterior sobre a ampliação da visão de mundo.

Com as entrevistas no grupo da Univille, obtive quatro (4) unidades de registro, todas plenamente favoráveis à hipótese de que a disciplina de fotografia contribui para a formação do designer. Foram elas: “Exercita a percepção” com frequência de cinco (5) unidades; “Ficam um pouco mais críticos” com uma (1) unidade; “Estimula o potencial criativo, tanto individualmente como

coletivamente” com uma (1) unidade; “Exercita e desenvolve a capacidade de comunicação através da imagem” também com uma (1) unidade.

Ao longo da história do Design no Brasil e mesmo antes, na originária Escola Bauhaus, a fotografia sempre acompanhou a formação e o trabalho dos designers como instrumento mediador proposto por Vygotsky, ou vista simplesmente como meio de comunicação e expressão. A fotografia vem movendo o espírito dos designers, que, por meio dela, também tomam conhecimento ou vivenciam o que costuma-se chamar de realidade, pois, diante das fotografias, nos colocamos como diante do próprio mundo. Dubois (1998).

4.6 **Pontos a considerar**

A pesquisa de campo empreendida apresentou-se como instrumento fundamental para o conhecimento e entendimento do que pensam os professores sobre as transformações nos currículos e no ensino da linguagem fotográfica em um ambiente de convergência e mudanças tecnológicas. Destaco aqui algumas passagens desta análise realizada a partir de um instrumento de coleta de dados dividido em quatro grandes categorias, que são: Mudanças Tecnológicas; Convergência; Conteúdo Programático; Formação do Designer.

Para a categoria Mudanças Tecnológicas, trabalhei com quatro hipóteses, quais sejam: a tecnologia digital pode estar substituindo a tecnologia analógica no ensino da fotografia; a passagem da tecnologia analógica à digital pode ter provocado avanços nos exercícios práticos de fotografia; a tecnologia digital pode ter provocado mudanças na relação da disciplina de fotografia com o curso de design; os alunos podem estar mudando a sua forma de ver e realizar a fotografia pela popularização dos *softwares* de tratamento e de edição de imagens.

Observei durante a análise dos dados que o processo de mudança tecnológica na fotografia foi profundo e se deu de forma acelerada, em um curto espaço de tempo. Com o estudo realizado sobre os dados coletados na pesquisa da professora Lifschitis (PUC- Rio, 1998), observei que estes vêm a corroborar com esta constatação, pois mostram que o ensino da fotografia nos cursos de Design, na cidade do Rio de Janeiro em 1998, ainda se encontravam

direcionados para a tecnologia analógica, embora apresentassem algumas iniciativas incipientes que apontavam para o início da aplicação de uma nova tecnologia no ensino da fotografia.

Reunindo os posicionamentos dos professores sobre as mudanças tecnológicas ocorridas nos últimos anos e as influências destas nas disciplinas de fotografia e nos cursos de Design, observei que estas são fortemente sentidas, mas de forma diferente para os grupos entrevistados nas duas universidades. Na PUC- Rio, como citado anteriormente, este processo apresentou-se de forma mais intensa, o que me levou a inferir, com base no corpo secundário da tese, que isso se deu pela longa vivência dos professores com a tecnologia analógica em anos de experiência no ensino da fotografia; na Univille, de forma diametralmente oposta, a aceitação da tecnologia digital foi maior, a passagem foi mais suave, o que acredito a pouca vivência e experiência dos professores com a tecnologia analógica, maior exposição à cultura digital, bem como ao fato dos investimentos na estrutura de tecnologia digital terem sido realizados gradualmente, ao mesmo tempo em que mantiveram a estrutura analógica. O laboratório analógico de revelação na Univille está em atividade até hoje, voltando-se para a pesquisa e extensão.

Durante a pesquisa percebi também que os professores entrevistados na Univille apresentam uma visão de ruptura histórica provocada pela nova tecnologia. Para eles, a morte da fotografia é um fato. Este posicionamento vem a corroborar com o argumento de Almiron e Jarque (2008), apresentado no II capítulo, que vêem na cultura digital um discurso mitológico que reaviva o espírito evolucionista em que a história é reescrita a cada tecnologia, reforçando a inabalável crença de que o futuro é sempre superior ao passado.

De uma forma geral, inferi que a tecnologia digital ainda não substituiu a tecnologia analógica no ensino da fotografia nestas instituições. Os aparatos foram substituídos, mas a prática do ensino ainda não, pois, da mesma forma que a professora Lifschitis (idem, 1998) observou em sua época com as iniciativas individuais na utilização da tecnologia digital para promover o ensino em sala de aula, observei que atualmente iniciativas individuais mantêm a tecnologia analógica em sala de aula, fato que confirma a primeira hipótese da categoria Mudanças Tecnológicas, na qual busquei verificar se a tecnologia digital está substituindo a tecnologia analógica no ensino da fotografia, embora esta hipótese não se mostre unânime entre os professores entrevistados.

A segunda hipótese que verifiquei foi se as mudanças tecnológicas provocaram avanços nos exercícios práticos de fotografia, e obtive dos professores das duas instituições confirmações de muitos ganhos e perdas com esta mudança, como exposto na análise, embora tenha observado que as perdas foram mais sentidas pelos professores da PUC- Rio e, numa posição contrária, os professores da Univille salientaram mais ganhos do que perdas, o que reforça as inferências feitas na hipótese anterior. Concluo que esta hipótese não teve uma aceitação unânime e merecia ser aprofundada.

Na verificação da terceira hipótese, qual seja: a tecnologia digital pode ter provocado mudanças na relação da disciplina de fotografia com o curso de design, observei que na perspectiva dos professores da Univille houve melhora nesta relação, já que destacam que a tecnologia digital possibilitou uma maior interrelação entre as disciplinas do curso, pois, como a linguagem é a mesma, possibilitou um maior uso da fotografia em outras disciplinas e vice e versa. Para os professores da PUC- Rio, não houve mudanças, um posicionamento que contraria a hipótese.

Como última hipótese desta categoria, afirmava que os alunos poderiam estar mudando a sua forma de ver e realizar a fotografia pela popularização dos *softwares* de tratamento e de edição de imagens. Não obtive também unanimidade sobre esta hipótese. Os professores salientaram os efeitos negativos que estes *softwares* estão causando nos alunos, sobretudo na forma de se relacionar com a fotografia. Com base nas observações dos professores, inferi que a atenção e interesse dos alunos estão claramente se deslocando da técnica de utilização do aparato para os processos pós-fotográficos, em que o tênue limite da fotografia e a edição de imagens se esvaem dia após dia, tornando-se cada vez mais difícil de serem entendidos separadamente.

Na categoria Convergência, verifiquei três hipóteses: a câmara incorporada a outras mídias pode estar causando mudanças no aprendizado; o uso dos meios de comunicação atuais e a convergência tecnológica podem estar facilitando o ensino da fotografia; a câmara fotográfica do celular pode estar configurando-se como um conteúdo programático, tanto na perspectiva teórica quanto prática nos cursos de Design.

A hipótese de que a câmara incorporada a outras mídias pode estar causando mudanças no aprendizado se mostrou verdadeira neste contexto,

pois não obtive, como visto na análise da pesquisa, nenhum posicionamento contrário. Ressalto, contudo, dois pontos negativos indicados por um professor, qual seja, a padronização das imagens produzidas e criação de uma estética pobre que migra para outras instâncias da imagem. Como vantagem emergiu a portabilidade e, portanto, a disponibilidade. Destaco que apesar de confirmada esta hipótese, apenas um professor afirmou usar estas câmaras como exercício prático, o que me permite inferir que a outra hipótese que imaginava ser válida, em que a câmara fotográfica do celular ou do *notebook* estaria se configurando como um conteúdo programático, em uma perspectiva teórica prática nos cursos de Design, não se mostrou verdadeira.

A verificação da última hipótese da categoria Convergência, a qual afirma que o uso dos meios de comunicação atuais e a convergência tecnológica estariam facilitando o ensino da fotografia, se mostrou, resguardando as pequenas discordâncias, válida na opinião dos professores entrevistados. Destaco, por meio das unidades de registro, a visão de dependência do ensino e aprendizagem da fotografia com a internet.

Na terceira categoria Conteúdo Programático, procurei saber o que os professores pensam sobre os conteúdos programáticos ministrados nas disciplinas de fotografia, sobre a bibliografia indicada no programa das disciplinas e como realizam as avaliações dos alunos. Destaco que os professores se ativeram mais aos problemas que enfrentam para ministrar os conteúdos das disciplinas de fotografia, que propriamente nos conteúdos das disciplinas por eles ministradas. Um dos mais presentes problemas é a questão do tempo dedicado à disciplina, o que me levou a inferir que pode ser causado também pelo fato da tecnologia digital trazer consigo novos conceitos e práticas que se somaram aos já existentes na tecnologia analógica. Observei que algumas unidades de registro mostraram o descontentamento com a crescente abordagem da linguagem fotográfica, principalmente pelo fato desta ter diminuído o tempo dedicado ao aparato fotográfico.

Percebi com esta categoria que os conteúdos das disciplinas de fotografia estão mais voltados à teoria da prática e à prática em si, do que às questões filosóficas da imagem. Na análise da pesquisa da professora Lifschits (Idem, 1998), foi possível observar que esta é uma questão antiga, já apontada em sua pesquisa e creditada a formação assistêmica dos conhecimentos da fotografia por parte dos professores, e a visão de que a fotografia é apenas uma

ferramenta de instrumentalização da atividade profissional do designer. Contudo, é possível observar que as mudanças tecnológicas trouxeram, com a simplificação dos processos de captação, produção e armazenagem da imagem, uma crescente valorização de aspectos ligados à estética e linguagem fotográfica.

Sobre as bibliografias básicas, observei que estas nem sempre são usadas ou seguidas, costumam permanecer no currículo por anos e revisadas apenas quando se realiza uma reforma curricular maior. No caso da Univille, que apresenta um corpo docente flutuante, não é raro o professor que não participou da construção das ementas e nem da escolha dos livros, rejeitá-la de forma sutil. Observei também nesta categoria que os professores preferem realizar avaliações por meio de exercícios práticos e pela participação do aluno. Raramente a avaliação é feita de forma teórica, reforçando assim, um distanciamento da utilização da bibliografia básica por parte dos alunos, que adquirem os seus conhecimentos quase exclusivamente durante as aulas, na prática e no manuseio dos aparatos.

A categoria Formação do Designer foi criada no intuito de refletir sobre o posicionamento dos professores sobre as influências e contribuições da disciplina de fotografia no processo de formação do designer. Formulei duas hipóteses nesta categoria: a disciplina de fotografia contribui para a formação do designer; e o ensino da linguagem fotográfica amplia a visão de mundo dos alunos, tornando-os mais críticos e preparando-os para novas formas de comunicação.

As duas hipóteses, no entendimento dos professores, se mostraram inteiramente aceitas no contexto da pesquisa, pois, para os professores de ambas as universidades, não existem dúvidas sobre o poder e a contribuição da disciplina de fotografia para a ampliação de mundo do aluno, os tornando mais críticos diante de uma comunicação cada vez mais híbrida e rica de aspectos ligados à linguagem não fabular. Consideram também como essencial a disciplina de fotografia para os cursos de Design, por ser a principal responsável pelo ensino da produção, edição e leitura da imagem, além de capacitar o aluno a dialogar com outros profissionais e disciplinas que lidam com as questões da imagem. Desta forma observo que o lugar da disciplina de fotografia é também privilegiado, pois valoriza os conhecimentos trazidos pelos alunos, fruto de suas identidades.